



O

ALABAMA



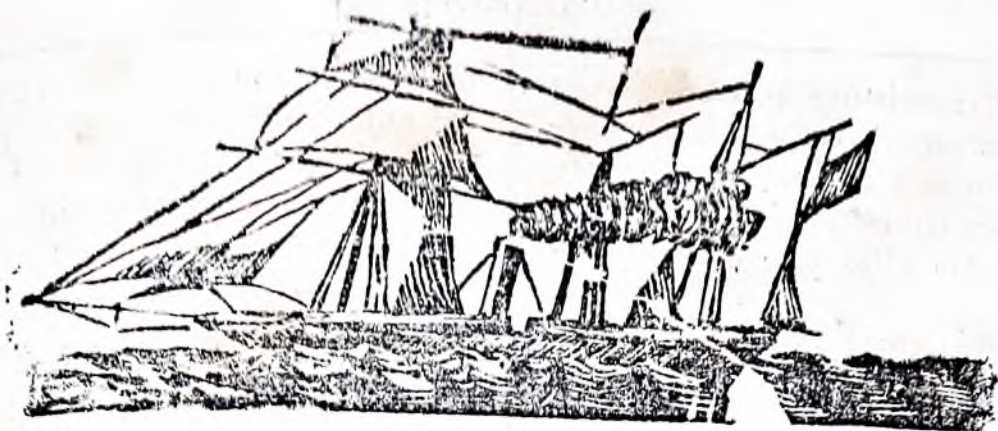
1865

A

1867



H. B.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

5 DE JULHO DE 1866.

SERIE 7.^a—Ns. 68 e 69

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do
Alabama 4 de julho de 1866.

Não ha expediente.

—Ora dê-me noticias suas; quasi não torna!

—Apreciei bem para poder contar. Do bando ja sabe: pequeno, mas em ordem; apenas mascaras de spinto—dous balões enormes, um cabeça maior que o corpo e um macaco. O vapor *Amazonas* foi uma ideia sublime e louvavel; bem equipado, salvava de quando em quando e cada portinhola representava um logar memoravel de nossas victorias no Prata; á noite esses nomes estavam illuminados e representavam as cores italianas e brasileiras.

—Tudo isso é sabido.

—Um dos encanadores do gaz no palanque atirou nesse dia um foguete que foi estourar dentro da venda por detraz do palanque; um guarda de policia prendeu-o, mas os companheiros tomaram-lh'o da mão.

—Adiante.

—A chuva fez as todas no dia 2; talvez por ella chegaram os carros ás 3 horas da tarde; não obstante a guarda nacional apresentou-se luzida: o 5.^o

batalhão não compareceu; dizem que não houve quem o quizesse commandar; que o commandante deu parte doente, o major fez o mesmo (e foi ao Te-Deum). Pregou, ao Te-Deum, o Revm. conego Rodrigo que recitou um brilhante discurso, de que muita gente não havia gostar; a elle compareceram o presidente, o chefe de policia, o commandante das armas, apenas tres vereadores, os membros das ordens religiosas, menos os do Carmo e cinco conegos; o corpo consular não compareceu!.... tanta importancia deu á primeira festa nacional da terra em que reside!....

Houve descargas e vivas e seguiram os carros para a praça dos Veteranos; havia porem quem quizesse que fossem elles á Piedade; houve pequeno disturbio que serenou seguindo elles a seu destino.

A's noites tem havido illuminação o theatro.

A camara apresentou uma linda illuminação; mas a relação nem colchas deitou e contentou-se com cinco lanternas.

Indifferença tem havido muita; os vivas são mal correspondidos; no dia 3 ao descerrar o commandante das armas a estigie de S. M. ninguem respondeu aos vivas; e havendo nesta terra tanta gente que figura, que mama

da patria, não houve ás 10 horas da noite quem encerrasse a effigie imperial; prestou-se a isso um filho do capitão Hemenegildo que deu dous magros vivas, tão altos que ninguem ouviu-os.

Faça ideia como foram correspondidos.

— Outra cousa.

— Barulhos tem havido poucos (graças a Deus) e de pequena monta.

Na noite de 2 porém dous moleques, um dos quaes escravo do Sr. Pereira de Albuquerque, deram uma furiosa cacetada a um negro que o deixaram por morto; felizmente foram logo presos e tinham de tomar destino visto que passavam por forros; os senhores porém apresentam-se e não sei si irão á laca.

E disse.

— Novidade, capitão.

— Diga.

— O Sr. Leão Velloso, Exm. vice-presidente desta provincia, tem o poder de *desanojar* os funcionarios publicos.

— Que diz, homem?

— O Sr. Dr. chefe de policia, tendo fallecido seu pae, participou a S. Ex. o estado em que se achava, pedindo a nomeação de um substituto; S. Ex. respondeu que *tinha por conveniente desanojar-o* e que continuasse no exercicio do seu emprego. Então?!

— Destas só se despregam da cachola do Sr. Leão. Talvez pelo nome S. Ex. julga-se arvorado em dictador e usurpa até as funcções do corpo legislativo, elle um simples executor da lei escripta. Mas que quer? Aqui pode se fazer tudo, nesta terra para ser feliz basta ter animo.

— São muito interessados pela companhia do gaz os empregados della; de vez em quando apagam a illuminação ás 3 horas da madrugada e deixam tudo em trevas.

— Onde é isto?

— Em qualquer parte; é dar-lhes o destino, algum pagode para que precisem fazer viagem de madrugada, vão

aos lampeões apagam-os e empinam-se; são entretanto duas horas de luz furtadas á população que não tem honras de coruja para ver no escuro.

— Couzas da terra, rapaz.

— E' um desaforo, um escandalo; parece que o quartelão não tem inspector, que a fleguezia não tem subdelegado.

— Onde é isto?

— E' na Mangueira, casa do Sr. barão de Passé; reúnem-se uma sucia de peraltas e vadios e incommodam a vizinhança com assuadas e vizerias; todas as noites ha cantorias, toques de violão e por fim samba; ás vezes formam-se em linha de atiradores e dirigem-se reciprocamente chufas pesadas e experimentam quem dá *bufa* mais alto; a vizinhança mal pode chegar á janella.

O Sr. subdelegado (que teve ha poucos dias queixa de que um delles raptara e deslorara uma sua filha a qual consta la foi encontrada e está depositada) deve fazer o mais possivel por acabar com aquelle foco de immoralidade; depois S. S. deve ter em vista que ha na vizinhança uma casa de educação de meninas, que não deve ter presente tão lindo espectaculo.

Tome S. S. o exemplo do subdelegado dos Mares que acabou com os sambas e pandeiros do Uruguay; energia no caso; a maior parte destes sujeitos vem corridos de Itapagipe donde os tangeu o subdelegado; imite seus collegas, rua com elles!

— Capitão sabe d'uma cousa? No dia 27 passava eu pela rua Direita de Palacio quando a sentinella do Catundú deixou cahir a arma e cahiu tambem. Indagado o caso, era um guarda do 111 que tinha desfallecido de fome; não comia desde a vespera!

— Occulte certas miserias!

— La está a escangalhar-se a estrada de ferro com os seus trens! No da Pojuca é preciso um concerto radical,

uma obra nova, dizem que avaliada em 600 contos.

— Bem que clamou o engenheiro fiscal!

— E dizem que assim mesmo foi illudido; que devendo ser todo o tunel arqueado, arquearam somente uns 400 metros da parte inferior; que o peso da terra ia abaixando a droga, mas que se remediava a cousa, admitindo-se á noite trabalhadores para abaixarem tambem as silipas.

— E o transito impossibilitado! e os dous por cento garantidos!

— Ah! goodman!

— Embaldo se clama, embalde se reclama, o deleixo continúa: eu nunca vi nada de tão relaxado como o serviço da limpeza.

Ha mais de quinze dias que não passa um carro na ladeira dos Gatos! A ladeira está em pessimo estado, porquissima, e o Sr. Costa Guimarães frescando e engordando á custa do povo que sustenta tão grande pansudo!

— Pode fazer o que quizer; a terra é delle.

— Sabiu a luz o periodico *Aurora*, scientifico e litterario. propriedade do Sr. Franklin Cezar da Silva Lima.

— É digno de animação. É de crer que os homens de lettra não deixem desamparado o aspirante que se esforça para servir a seu paiz.

Deus lhe dê longos annos de vida e prosperidade!

— Capitão, acabou-se o tempo em que os tabareus comiam acaçá por canjica; hoje estão sabidos, atilados que admira.

— Melhor para elles.

— Ouça V. Ex. este pedaço e admire o espirito de um delles. No dia 23 do pp. vinha eu pela Calçada e vinha tambem um tabareu conduzindo um cavallo carregado de carvão; passa por elle um sujeito do commercio, moço engraçado e diz-lhe:

A como vende a vara de fita?

O tabareu com o maior sangue frio,

levantou a cauda do cavallo e respondeu.

Entre aqui nesta loja e pergunte ao caxeiro.

O sujeito amou positivamente com a pilheria, em quanto eu rindo-me dizia:

Eisahi o que se chama buscar lan e sahir tosqueado.

— Esta foi na verdade de cajulcorum

— Mais uma lecção aos conquistadores, ás nações insolentes. A Hespanha anda presentemente a fazer caretas ás antigas possessões d'America, e assim como bombardeou Valparaiso, intentou bombardear Calhau. Os peruanos porém estavam prevenidos e com tres pequenos vapores e suas baterias de terra puzeram fora de combate todos os navios da esquadra hespanhola: os peruanos cubriram-se de gloria.

— Que os europeus fiquem sabendo que, apesar de mal fortificados, os americanos tem bastante dignidade e patriotismo para manterem a integridade de seu solo, zelarem a honra de seu paiz, sustentarem a sua independencia, que ja uma vez com sangue conquistaram.

— Olhe que graça!

Montem houve no palanque barulho serio: um accendedor do gaz encarregado de atizar alli a illuminação, intendeu que devia permanecer de chapéu na cabeça mesmo depois de descerrado o panno; o sentinella implicou com isso, e o homem permaneceu no seu proposito; disso resultou um conflicto. O Sr. alferes Affonso Lariz Pinto veio em auxilio do seu guarda e quiz com sua espada obrigar o homem a tirar o chapéu; seguiu-se a lucta: imprudencia de parte a parte.

A guarda de honra estava de armas ensarilhadas e debandada; um soldado agarra em uma caixa, toca alarma, reuniu-se a guarda e foi um barulho dos peccados. Felizmente com a presença do delegado o barulho serenou e o homem foi preso depois de muito panno de

espada que levou; si não é o povo, era
victima de sua imprudencia porque os
guardas estavam desenfreados, o o al-
feres desforrou-se.

A PEDIDO

Ora vejam este mundo

Como é:

Ao bichinho que faz festas

Pontapé.

Sabe um dia das mattas, foragido,

Leão manhoso;

E' logo gente, bacharel e gazeteiro

Aventuroso.

Depois na *oposição* encontra logo

Pechincha boa:

Magistrado faz proezas, mancha a toga,

O mais atoa.

Presidente, alça a cabeça, mira a juba,

Richas faz,

Estar em guerra crê o povo quando é tempo

De paz.

Trahe os lados, protegido se apresenta

Por dois;

Mas dão-lhe o que merece, o que na testa

Trazem bois.

Traidor sempre, o miseravel é caixeiro,

Ordens excede

Só p'ra ver si a moxiba a que aspira

Se lhe concede.

Gato-marisco porém que tem ao bicho

Surla ogerisa,

Manda num bambú ao leão que riudo fica

De cara lisa.

Paraná, Paraná,

Vou para o Maranhão,

Eu sou do norte,

Não sou daqui, não.

—Sabe a razão porque o Sr. José
Carlos não foi a parada no dia Dous
de Julho?

—Não, porque foi?

—Dizem que foi porque o cavallo
do digno commandante soffreu um in-
cendio.

Quem tem seu rabo de palha

Não va o fogo atear,

Que pode alguma faisea

A coivara incendiar.

Quem tem telhados de vidro

Não ande a jogar pedradas,

Que pode um dia do chuva
Ficar de telhas quebradas.

E então ver-se apertado
Quando em casa lhe bater
A chuva, e tudo inundado
Não tiver p'ra onde correr.

A prudencia aconselha
O não cuspir para o ar
P'ra não ter o dissabor
Da propria face sujar.

Si estamos n'uma terra
Onde todos se conhecem;
P'ra que catonismos podres
Que ao menor sopro esvaeem?

—Então donde vem?

—Venho de *Matatum*, escandalisa-
do. *Nosso Senhora* tenha piedade da-
quelle vigario!

—Mas que fez o vigario e quem é
elle?

—Pois não sabe quem é! Aquelle
sujeito que dava-se muito com o *Ma-
nuel Joaquim*...

—Eu sei la quem é tal firma.

—Aquelle sujeito que morava junto
do *Andrade* naquella rua que tem um
rego....

—Vire folha; que fez o vigario?

—E' um devasso de primeira ordem;
metteu na caza em que mora com a
amasia uma negrinha do Teixeira Bar-
bosa; aquella percebendo foi espial-o,
preparada de lições accesos; o vigario
receiu e miseravelmente prostrou-se
aos pés da negrinha para que não li-
zesse barulho e sahisse calada; houve-o
comtudo entre elle e a Vitalina que
não deixa de reclamar seus direitos.

Agora vae elle celebrar missa n'om
logar *brochado*, afim de continuar a
merecer as graças da negrinha Emilia,
escrava do commendador; baratea as-
sim ridiculamente o sacrificio da missa!

La pela *freguezia* o meu vigario
tem ainda outras distracções; a filha de
um pobre sapateiro é o alvo de quanta
immoralidade imagina o sotaina que
parece nunca ter conhecido o sentido
da palavra moral.

—Boas lecções para o rebanho.

—Ainda não contente, illudiu uma
negrinha Faustina, fechou-a em uma

sensala e quiz forçal-a; a rapariga para safar-se deu-lhe uma tremenda bofetada e foi-a-o.

— Desta vez fugiu-lhe o peixo do anzol.

— E depois anda se dando a desfructe; é um bobo ridiculo.

Por ter um moleque que vendia pão offerocido a Emilia dez tostões, o vigario, ao enconral-o, disaffou-o.

Si não apparece quem apparte o barulho, o vigario ficava convidado.

— Está doudo o homem; aqui a bordo ha commodo para esta especie de gente. O aspirante dê as determinações para que venha á minha presença o vigario de Matatum.

A nossa guerra vac mal,
E peior o ministerio,
Vae tornar-se o caso serio
Pelo signal.

Do progresso fez a luz,
Maravilha dos ligueiros,
Que querem ser os primeiros
Da Santa Cruz.

Mas desses que taes judens
Liberaes e progressistas,
Em politicas conquistas
Livre-nos Deus.

Antes o conservador
Assuma ja o poder,
Porém que não venha a ser
Nosso Senhor.

Porque pelos bons esforços
Que faz na opposição,
Mostra ser amigalhão
Dos nossos.

Embora pareça amigo
Da gente de Portugal,
Ser áno dia fatal
Inimigo.

Pela santa egreja madre
Que creio na redempção,
De qualquer escravidão,
Em nome do Padre.

De Pedro o povo caudilho
Que veiu para o Brasil
Tenta na patria gentil
Do Filho.

Porém não ha de ser tanto,
Que quando tal aconteça
O fogo nos favoreça
Do Spirito Santo

Brasileiros, eia sús!
Maldição ao ministerio
Que acabe no cemiterio
Amen Jesus.

C.

— Capitão, ainda o Rei dos moleques.
— Arre!

— A tia era zeladora de N. S. dos Mares e guardava em caza os aneis e mais joias da mesma; Salú, quando bispou-os, foi immediatamente a elles, e em vez de mettel-os nos dedos metteu-os no peito.

— Oh! que ladrão descarado!

— Outra. E' director de uma salla de dança la para a freguizia de S. Pedro; houve no domingo uma outra reunião na mesma freguezia e Salú, dizendo que era a delle, recobeu 3\$00 de cada um de dous socios honorarios; á noite foram os moços ao baile e ficaram bastante envergonhados quando lhes perguntaram quem os tinha ali chamado.

— Tambem a culpa não é delle; si não achasse quem lhe desse não comia.

— Os moços sahiram furiosos á procura de Salú, e encontrando-o no Rozario quasi dão-lhe muito trompasso.

— E que fizeram?

— Salú conservou-se impassivel e mudo; ouviu o que lhe disseram com a maior semcerimonia do mundo.

— E um homem destes é para ser director nem fazer parte de nenhuma sociedade?

— Dizem que os companheiros fizeram-lhe a desfeita de despedil-o do baile e que elle entretanto conservou-so com a maior serenidade de spirito.

— Pudera! aquella cara deslavada!

Olha *Firmino*,
Não és menino,
Toma juizo;
Senão chicoto
Ou calabrote
Te dará sizo.

Si não te emendas
 Não te arrependas,
 Cara do vacca
 Quando no coiro
 Com grande estoiro
 Bater-te a taca.

E's insolente....
 E por valente
 Queres passar
 La no Catú;
 Que és tutú
 A alardear.

—Que desfructe! que spettacolo!

—E aquelle homem não repara que é casado, que aquillo não assenta n'um empregado publico, para estar se ridicularizando daquella sorte!

—Ao menos devia respeitar a moralidade, e ver que aquillo não é proprio de um homem de idade; quem tem 60 annos não é criança, ja deve ter juizo.

—E n'uma rua tão publica como a da Misericordia, ás 10 horas da noite a quebrar com pedradas as vidraças daquella caza e a dizer tantas asneiras sem respeitar as familias!

Si fosse algum rapaz haviam de chamar capadocio.

—O homem estará maluco?

—Talvez; dizem que tem veia de maluco tanto que ja esteve no Rio de Janeiro, creio que tomando ares no hospicio de Pedro II.

—Isso não, quando elle esteve no Rio foi removido do emprego por causa da falta de um *sello* n'uma conta que apresentou.

—Isso são historias do *Benjamin*.

—O *Velasques* disse-me o mesmo.

—Maluco ou não, alli está o Sr. Santos Martins como um possesso a atirar pedras e a gritar como doudo.

—Quem mora ali?

—E' uma tal D. Rosa.

—Ah! logo vi. Esses velhotas não se enchergam; si hão de pegar em um rosario e ir resar, querem á força desfructar moças bonitas que ja não são para seus bicos.

Leopoldo descarado
 Por que não tomas vergonha?
 Não temes que o muxingueiro
 A taca outra vez te pouha?

E's o tratante maior
 Que pisa no Caes do Ouro;
 Não sentes mais calabrote,
 Ja callejou o teu couro.

Ladravaz como tu és
 Pode haver no mundo alguém,
 Porem mais é impossivel,
 Oceu não cobre ninguem.

Em teu lombo vou mandar
 Gastar uns cinco mil feixes
 De junco, depois no mar
 Servirás de isca aos peixes.

—Sr. capitão, isso é desairoso para V.S.; articulando com nm pr so, trocando doesto. V. S. não so desmoralisa a si como a seus collegas.

Quando não se tem a energia e força moral precisas para sustentar a dignidade de certos cargos, não é tambem melhor evitar conflictos cujos resultados são o ludibrio e o escarneo dos subordinados?

—E Vm. o que tem com isso? guarde essas etiquetas para si.

—E' por que acho muito feio, o V. S. expondo-se assim ao ridiculo não é só quem sofre.

—Ora deixe isto para batalhões assim como o de *Sant'Anna* e outros; cá a nossa gente é de paz.

—Está bom Sr., quem fallou não está mais aqui.

Houve samba no Uruguay
 A vinte tres do passado
 Bebeu-se tanta cachaça
 Que tudo sahio melado.

Mestre Paulino ferreiro
 Com a viola empunhada
 Acompanhava na prima
 Uma chula bem tirada.

A Mariquinhas rufava
 Com muito garbo pandeiro,
 Custodia tirava o samba,
 Tocava o samba o Pinheiro.

Miguel Corcunda e Paulina
Respondiam a toada,
Do vez em quando tomando
Do cachaça uma golada.

Tê o velho Nobilat
Ja com a cabeça bamba
Balendo palma gritava:
—Minha gente arrib' o samba.

Sabiu a fazer seu risco
Victoriano tregeitos
Mas co'o peso da cabeça,
Tropeçou cahiu de peitos.

Sabiu então o Elias
A fazer seu roda-pé
Da embigada no Victor
E cahe sobre um canapé.

MORTE

*As potencias alliadas,
Com seus bravos e canhões,
Ou tomam Humaytá,
Ou deixam de ser nações.*

GLOSA.

O rudo brado de guerra,
Que Solano proferiu,
Echoou em toda terra
Que Colombo descobriu:
Sanhudo como o leão
Esse barbaro man-lão,
De tribus escravizadas,
Confianco em seu poder,
Pensou que havia vencer
As potencias alliadas.
Então estas despertaram
Do seu profundo dormir,
E suas hostes marcharam
Para o selvagem punir.
O Brasil, como o primeiro
Sobresabiu sobranceiro
Com mais destros campeões,
Dos mares se apoderou,
E o sólo inimigo pisou
Com seus bravos e canhões.
A peleja se travou
Tão grande e tão sanguinosa,
Que d' ella se admirou
Essa Europa tão famosa.
Nossos valentes soldados,
Descendentes denodados
Dos heroes de Pirajá,
Defendendo a patria terra,
Ou morrem todos na guerra,
Ou tomam Humaytá.

São tres povos mui valentes
Quessas lucia campeam;
Suas bandeiras ingentes
No *Paraguay* ja meneam.
São povos livres e bravos,
Que não temem vis escravos;
Nem bombardas, nem canhões;
São fortes como o oceano,
Ou vencem o vil tyranno,
Ou deixam de ser nações.

A. G. Pinho.
(Extr)

Atenção.

*Para nossos irmãos feridos em defeza
da patria no Sul do imperio.*

No Asylo da Misericordia, ao Campo
da Polvora, serão recebidos, em qual-
quer quantidade, pannos de linho ve-
lho, para delles se tirarem fios para
os feridos dos hospitaes de sangue na
campanha do Paraguay.

VARIÉDADE.

O sim e o não.

O sim—tem a serenidade da Esmeralda
a Cigana.
O não—tem o desespero de Gandula, a
emparedada.
O sim—é uma flor que perfuma.
O não—é uma sensitiva que se contrahe
O sim—tem meiguice de uma fruta.
O não—tem a asperceza de uma busina
O sim—tem a simplicidade de uma cri-
ança.
O não—tem o estouvamento de uma velha.
O sim—tem a lealdade de Dimas.
O não—tem a perfidia de Judas.
O sim—tem a virtude de Abel.
O não—tem a tyrannia de Caim.
O sim—tem a doçura da sabedoria.
O não—tem o amargo da ignorancia.
O sim—é expansivo como Demócrito.
O não—é concentrado como Heraclito
O sim—é o jordão da felicidade.
O não—é oceano da desgraça.
O sim—é a Magdalena que se levanta.
O não—é a mulher Loth que se immo-
bilisa.
O sim—são as palmas de Jernsalém.
O não—são as apupadas do Calvario.
O sim—são os anjos de Klopsek.
O não—é o satanaz de Milton.

O sim—são as vizes dos Prophetas.

O não—são as limentações de Jeremias.

De um—sim—ou de um—não pende muitas vezes a nossa felicidade ou desgraça. Por isso si eu pedir indulgencia aos meus leitores, respondam sempre que sim—em vez de dizerem que—não—!

Nomes em antagonismo com sa pessoas.

Um Spirito-Santo—que é um perfeito demonio.

Um Candido—perverso.

Um Angelica—terrestre.

Um Franco—mesquinho.

Um Generoso—sovina.

Um Galhardo—cambêta.

Um Clemente—impiedoso.

Uma Barbara—benigna.

Um Salgado—insosso.

Um Guerreiro—inoffensivo.

Uma Branca—negra.

Um Seguro—que não está seguro.

Um Luz—que faz sombra.

Um Ribeiro—secco.

Um Valente—poltrão.

Um Horta—que não da couve.

Um Pimenta—adocicado.

Um Cuaha—sem serventia.

Um Gentil—corcunda.

Um Perfeito—aleijado.

Um Modesto—orgulhoso.

Um Rosa—pallido.

Um Ventura—desgraçado.

Um Prudente—brigador.

Um Benigno—malvado.

Um Grato—ingrato.

Um Triguceiro—claro.

Uma Felicidade—infeliz.

Um Bravo—pacífico.

Um Rico—pobrissimo.

Um Casado—solteiro.

Um Pacifico—turbulhento.

Um Regrado—perdulario.

Um Peregrino—sedentario.

Um Santos—peccador.

Um Bello—feio.

Um Bento—amaldiçoado.

—Hoje 4 de julho, percorreu as ruas desta cidade como no dia do bando, o vapor *Amazonas*, parando em diferentes logares.

Uma commissão composta dos Srs. tenente coronel José Lopes Pereira de Carvalho, Custodio Moreira de Souza,

Luiz Lopes Ribeiro e major Antonio de Souza Vieira recebia as offertas que faziam para os voluntarios da patria.

Os Srs. Ariauis, Idiz o *Jornal*, que tiveram tão feliz lembrança, abrilhantem-a agora com a philantropia de que a cercam e que sem duvida será bem correspondida pela população.

—Honra às almas grandes.

ANNUNCIOS.

Anda fugida uma crioula alta, gorda, um pouco fula, conhecida geralmente por Quiabo duro, quando seu verdadeiro nome é Maria Philippa; tem sido vista pela ladeira do Alvo e immediações quem a prender e levar a seu senhor, será gratificado com duas saccas de farinha.

Vende-se

Um sobrado de um andar com 4 janellas de frente e loja de aluguel com duas janellas e uma porta, contendo em cima salla de frente, 4 quartos, salla de jantar, cosinha fora, dispensa e quintal grande para plantação; na loja contém salla, um quarto e cosinha: em bom estado, edificada em terreno proprio á rua do Bomgosto da Calçada do Bom-fim n.º 57.

Trata-se na casa n.º 40 ou na bolica sija a Ladeira do Carmo.

VINHO PURO SANGUINAL.

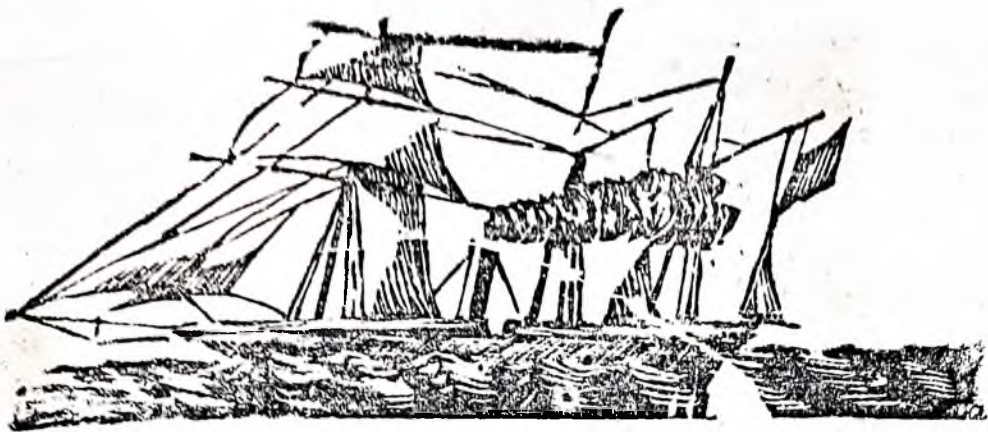
O melhor vinho desta marca que tem vindo ao mercado e de todas as mais qualidades por preço muito comodos, vende unicamente na venda de M. J. Costa Guimarães na Calçada do Bom-fim n.º 106 A B C.

Alexandre José Vieira, na ladeira da Misericordia aluga e recebe-os para tratar.

Na rua Direita da Misericordia, n.º 21, 2.º andar, recebe-se roupa para engommar com azeite e promptidão.

Quem quizer comprar uma negra que sabe cosinhar e lavar, dirija-se a esta typographia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPUNA



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIUSTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

7 DE JULHO DE 1866.

SERIE 7.^o—N.^o 70

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de julho de 1866.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, para que informe qual a razão porque a força do 8.^o batalhão que na noite de 4 do corrente, foi fazer a guarda de honra á effigie de S. M. o Imperador no palanque do Terreiro, marchou sem bandeira.

—No domingo á tarde sae pela ultima vez o vapor *Amazonas*.

—Bom .

—E percorrerá ás seguintes ruas:

Rua de Baixo, rua Direita de Palacio, Ladeira da Praça, Gravata, Sant'Anna, Deserto, Jogo do Carneiro, Largo da Saude, Nazareth, Barbalho, Perdões, S. José, Solidade, Lapiaba, Quinze Mystérios, Marchantes, Caruio, Rua do Paço, Maciel de Baixo, Cruzeiro de S. Francisco, B.spo, D. José, Misericordia, S. Bento, Piedade, Rosario, Mercéz, Afflictos, Campo Grande, Canella, Victoria e Graça, e na volta pelo becco das Mercéz, ruas da Faisca, Fogo, Dous de Julho, Areal de Cima, Sudré, Cabeça, Rua de Baixo, & &.

—Ja se está plantando arvores no Campo da Polvora.

—Signal de que está prompto.

—Prompto! Leve-lhe o diabo o ni-

velamento! Como é que n'uma terra em que ha engenheiro, em que ha governo, se dá por prompta uma obra destas! Está peor do que dantes; quando chove, ninguem pode passar pela calçada nem pelo largo; charcos, atoleiros, agua imbarreada a escoar. . . viva a patria! vae tudo n'um progresso de rio abaixo que é um nunca acabar.

—Quem tem ouvidos de ouvir ouça; quem tem obrigação de obrar tenha energia.

—Anda por abi uma mulher ou louca ou roubada; dorme pelas portas das casas, pelos adros das egrejas; queixa-se de seu tio, o capitão Botelho, morador á Calçada, que lhe usurpou os bens, e assim vae andando.

E' louca? mettam-na no hospital; não convém que a honra do Sr. capitão Botelho esteja a ser manchada publicamente, atassalhada por todas as ruas.

E' roubada? Que fazem as authoridades, o juiz de orphãos, que não indagam do facto, que não pesquisam o fundo de veracidade que ha nas allegações da mulher, para conhecerem o verdadeiro criminoso?

Roubada ou louca, o que é certo é que quem anda atrapalhado é o tal capitão Botelho; ainda um destes dias, na porta do forum, a moça agarron-o, pediu seu dinheiro, gritou, fez o diabo;

o Botelho deu graças a Deus quando viu as abas do sobre livres da mão da sobrinha; deu sebo ás canellas e emborafustou-se por um daquelles cubículos que ninguem mais o viu.

Entretanto o spectaculo continuou, a moça injuriou-o, queixou-se, lastimou-se, praguejou-se e desesperou.

E hontem, nas Portas do Carmo, foi peior; a mulher agarrou o capitão, gritou, os moleques chegaram, tomaram conta do homem e o atropellaram; foi preciso incommodar o Sr. delegado que com alguns guardas os dissolveu.

Esses casos repetem-se quasi diariamente; loucura ou verdade, as queixas da infeliz cortam o coração de quem as ouve.

Porque não dão á infeliz garantia? Por que não dão á louca um asylo onde não possa ver o ente que lhe desperta suas maguas, livrando assim o publico de spectaculos consternadores?!

—Felizmente, consta que o Sr. Dr. João Victor tem tomado a si a causa da infeliz e pretende desenrollar toda essa maeda.

—Honra lhe seja feita!

A PEDIDO

—E esta gente não cessa com tão pernicioso brinquedo! Fazem os capadocios timbre de fazerem o contrario á lei e não se importam que venha o povo a soffrer! Ha pouco morreu um escravo do Sr. Solposto, victima de um buscapé; pois não basta o exemplo?

—Que tem, rapaz?

—Tenho que deve ser multado o morador da caza á esquina da rua Direita do Collegio, não sei si o dono, um tal Ignacio, ourives, o qual soltava foguetes por cima do povo; era seu proposito offender a quem passava; deixava que os grupos passassem-lhe pela porta e pelas costas atirava-lhes os foguetes. A policia deve fazer effectiva a postura e o processo por crime de desobediencia.

—Tambem acho que sim; é preciso que se dê fim a graças de tolo ou malvado.

—Olhe que ha gente que de tudo quer fazer questão.

—Tracta dos carros triumphaes?

—E' verdade. Querem por força que fosse a Piedade o logar delles; mas que é do direito que apresentam os *figuroes dalli que tramam* para que os carros lhes fiquem na porta?

Para os carros nunca houve logar certo; occasiões ha em que ficam no Terreiro, outras na Praça e ultimamente na Piedade; desta vez, creada a praça dos Veteranos, que logar mais proprio?

Tanto mais quanto alli é um logar historico; um encontro alli houve entre tropas luzitanas e o inclyto Pedro Jacome; alli era a Opera Velha que tornou-se morada dos bravos soldados do regimento velho e da legião. Depois o itinerario que os carros tem de seguir é feito por logares que symbolizam ou recordam alguma cousa de nossa independencia e historia; assim, os carros sahem da praça dos Veteranos, vão pela estrada da Independencia e praça Dous de Julho, passam em frente ao Tororó onde tambem Jacome bateu-se com os lusitanos, seguem pela Lapa, logar de gloriosas recordações, pelo heroismo das virgens do Senhor que se debateram contra o canibalismo de monstros, que chegaram a assassinalas á baioneta; chegam então á Piedade; ha nisso ainda uma conveniencia; essas santas mulheres, cujo sangue tambem correu para regar a arvore da liberdade, *vêem pela primeira vez* os emblemas do triumpho, a allegoria de nossa victoria!

—E não é só isso; não é a primeira vez que por ficarem desamparados naquella grande praça da Piedade se tem dado sinistros: arrancam os cravos dos caboclos e muitas vezes tem elles escapado de cahir; eu até ouvi dizer que para evitar esse brinquedo ou desaloro, havia tenção collocal-os na praça D. Izabel, onde ficariam fechados; infelizmente houve *terremoto*, e onde se acham estão muito bem: o pacifico povo da Bahia não altera a ordem estabele-

cida, programmas a que deu assenti-
mento.

Testamento.

Eu Leão Pedro Vellido
Governador desta terra
Vou fazer meu testamento
Como abaixo se encerra

Sou natural do sertão,
Porém nunca fui vaqueiro;
Sou bacharel em direito
E d'abi ganho dinheiro.

A gente desta cidade
Deve ser-me mui grata,
Porque saio de palacio
Deixando lá toda prata.

Deixo ao homem da *sariva*
Em prova de gratidão,
Um logar de senador
Na primeira occasião.

E p'ra que nesta provincia
Possa gosar de conceito,
Vou deixar outro logado
Que lhe sirva de proveito.

Deixo a Chico Surdo-é
Coitado, desesperado,
Pois já presente a taboca
E se vê desempregado.

O meu amigo Gustavo
Visto ser homem da imprensa,
Vai em minha companhia
P'ra sustentar nossa crença

Quem me dera qu' eu pudesse
Levar commigo tambem
O nosso Gato marisco
E Domingos abetém!

Por ser firme e circumpecto
E de diversas bandeiras,
Deixo a terceira vara
A meu presado *Figueiras*.

Deixo tambem para elle
Do Pará mui rica prenda
Por haver composto um drama
Que fallava de *legenda*.

Ao João José por pequeno
Quasi que delle me esqueço;
Mas so por aquella emenda
Me merece muito apreço.

Não tendo nada a deixar-lhe,
Escrevo ao João de Souza,
Que apenas aqui chegar
Na mão lhe metta uma cousa

Ao amigo *Silva Costa*
Por ser torto e aleijado

Deixo-lhe duas muletas
E o meu chapéu armado.

Item: como elle hoje
Ja possui uma patente,
Deixo-lhe meu espadim
E fardão de presidente.

Ao homem de *Jacobina*
Por ser quasi analphabeto
Deixo as obras do Filgueiras
P'ra ficar burro completo.

Ao Magalhães eu ja dei
Uma boa pepineira,
Comprei-lhe algumas cazinhas
Que tinha em certa ladeira.

O amigo João Gualberto
Não deve ficar zangado;
Ja lhe dei as carnes verdes,
Peça Deus venha *ca gado*.

Ao amigo Dr. Freio
Devo deixar uma herança,
Fica unido ao João Gualberto
Dividam a tal chupança.

Attendendo aos curativos
Que me fez quando assistente
Deixo as obras do remedio
Que tomei quando doente.

Para que o Romualdo
Não fique muito enfesado
Vai commigo té o Pará,
La o farei deputado.

Villa-mansinha que aguente
Impertinencia do Caldas,
Si me deu algum dinheiro
Foi por saber-lhe das baldas.

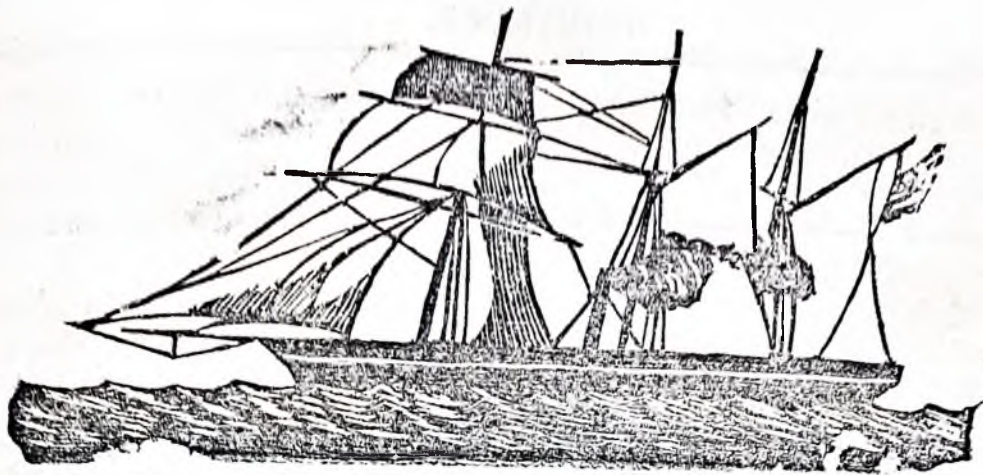
E' um bello auxiliar,
Aproveite-o na eleição;
Pago-lhe todas as ovidas
Com officio p'ra o Brandão.

Não querendo que a justiça
Anulle meu testamento,
Deixo ao *Villa-masinha*
Uma egoa e um jamento.

A certo Dr. de quem
A Bahia ja tem asco
Pela figura que faz
Deixo o logar de carrasco.

Ordeno á thesouraria
Que calcule em quanto monta
O roubo com voluntarios
E obrigue Linneo á conta.

Deixo a Mané macriado
Que mudou o barracão,
Em honra a tamanho feito
Um franciscano figão,



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

10 DE JULHO DE 1866.

SERIE 8.^a—N.^o 71

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de julho de 1866.

Officio ao Ex. Sr. commandante das armas, communicando-lhe que dos 26 massos de cartuxames existentes na guarda do Collegio evaporaram-se segundo nos consta 3, e dos 23 restantes estão alguns cheios de terra e pó de tijollo.

Pede-se por tanto a S. Ex. que mande pesquisar si isso é exacto, e quem são os auctores de semelhante magica.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que durante estas noites o Olho-vivo tem andado pelo Castro Neves e arrombado diversas casas, aproveitando-se da ausencia dos moradores que vieram passar os dias de festa de Dous de Julho na cidade.

A' vista do que torna-se de urgente necessidade que S. S. dê suas ordens para que haja alli todas as noites uma patrulha.

—Ao Sr. commandante do corpo de policia provisorie, communicando-lhe que alguns guardas do seu batalhão destacados no engenho da Conceição andaram na noite de 3 do corrente pela Calçada *pintando*: foram á venda de um tal Samuel, compraram tra-

ques, tocaram metade e engeitaram o resto ao vendelhão e quizeram obrigar-o a restituir-lhes o dinheiro; dabi foram a venda do Viveiros, comeram e beberam, não pagaram e em cima quizeram espancar o homem; dalli sahiram desenfreados a fazer outras muitas.

Leva-se semelhantes factos ao seu conhecimento certos de que, amigo como é S. S da disciplina militar procurará pôr cobro a taes desmandas.

—Ao Sr. empresario da limpeza dizendo-lhe que mande carregar uma porção de cisco, monzuás velhos, cacos etc. que estão ha' muitos dias na la-deira da Rua do Tijollo encostados á casa da familia do linado conselheiro Gaspar José Lisboa.

—Hontem á tarde foram os carros triumphaes conduzidos á Lapinha.

Foram acompanhados de alguns batalhões patrióticos e de uma immensidade de povo.

—Sahiu tambem o vapor *Amazonas* percorreu, como estva annunciado, diversas ruas da cidade ao som de vivas e foguetos e de um concurso extraordinario de pessoas.

—Na verdade pode-se dizer que foi o que abrilhantou o Dous de Julho este anno.

Sabe em quanto andou os donativos?

— Dizem que para cima de 600\$ rs.
— Viva o povo babiano! Vivam as
almas generosas!

A PEDIDO

— Sabe que o governo mandou a-
quartellar como contingente os restos
do batalhão de S. Pedro?

— E' verdade; mas consta-me que é
uma despeza inutil, por que o tal con-
tingente se compõe unicamente de of-
ficiaes e sargentos

Entraram para o quartel no dia 25
dous officiaes, tres sargentos e Deo
gratias.

— E agora para fazerem soldados,
andam a torto e direito recrutando, a
titulo de que o recrutado pertence ao
antigo batalhão, e sofre-se o incommo-
do de ir preso para depois se averi-
guar si a pessoa é ou não guarda.

— Isso é costume antigo.

— Ouça uma de chupeta.

Hontem 8, prenderam na Praça do
Commercio, um homem crioulo, muito
conhecido nesta cidade, a pretexto de
ser guarda do batalhão de S. Pedro; o
homem protestou que jamais pertenceu
a tal batalhão. Não attenderam e qui-
zeram conduzi-lo; ponderou então elle
que aquella prisão era um atropello
para elle e lhe fazia grave transtorno,
porque sahira a negocio, e em sua ca-
sa de nada sabiam; assim que lhe to-
massem o nome que elle iria depois ao
quartel se justificar, que elle era bas-
tante conhecido e que não havia de fu-
gir por causa de guarda nacional. Os
caçadores não cederam de seu propo-
sito e disseram que o homem iria a to-
do transe.

Seguiu-se uma lucta terrivel: os ag-
gressores deitaram o homem ao chão,
depois de despedaçarem-lhe a roupa,
pisaram-no com os pés, montaram so-
bre elle e o amarraram de mãos para
traz!!!... E neste estado o levaram
á guarda do Commercio!

— Parece incrível.

— Eu tambem não acreditaria si o
facto não se passasse n'uma praça pu-
blica e á vista de centenaes de pessoas.

— Mas em que ficou?

— V. sabe que quem é victima de
um arbitrio, e não pode desafrontar-se,
o desabafo que tem é fallar: o homem
pois fallou a arrebrantar; disse cobras e
lagartos.

O sargento executor da *diligencia*
ordenou ao preso que se calasse e a-
meaçou-o em termos grosseiros; o pre-
so respondeu-lhe no mesmo consoante:
insulto com insulto. Sabe o que fez o
sargento? em presença do comman-
dante da guarda deu uma tremenda bo-
fetada no homem que estava amarrado.

— Acho muita imbecilidade no offi-
cial consentindo tamanho desacato á
sua vista.

— O povo revoltou-se contra aquel-
le acto de insolencia do sargento; mas
la estavam as bayonetas da guarda pa-
ra garantil-o.

Diga-me, quem é o responsavel por
tão nefando abuso?

Alguem authorisaria semelhante es-
candalo?

Ainda dado o caso que o homem seja
guarda, e que não duvidamos, era por
maneira tão descommunal quo devia
ser chamado ao serviço?

A lei não manda preceder aviso? e so
depois de reluctancia no individuo em
comparecer ao chamado proceder á
prisão?

Si o individuo resiste a policia não
tem meios de effectual-a sem ser pre-
ciso que quatro malsins vão dar o mais
triste espectáculo manietando um ci-
dadão n'uma rua publica?

Com que garantia pode contar a pes-
soa do cidadão si com a consciencia
tranquilla, vê-se cercado por quatro
reus de policia que o amarram como
negro fugido?

— Homem, quer que lhe diga uma
coisa? a culpa tem tambem quem no-
meia para sargentos homens ignoran-
tes e até analphabetos, reus de poli-
cia sem officio sem beneficio, mem-
bros do olho-vivo, gente que vive en-
chendo as ruas de pernas e em casa
das meretrizes a cujas sôpas vive.

— Isto é verdade; está que me disse-
ram que para o tal contingente de S.
Pedro, ia ser ou ja estava nomeado sar-

gênto um sevandija conhecido como um dos primeiros ratoneiros desta terra, e o mais insigne tropiante e cavalheiro de industria, e além do tudo mais, homem de coração duro como pedra.

—O resultado do homem?

—O resultado não sei; o homem ficou na guarda até dissolver-se o povo e eu retirei-me tambem.

—Agora vamos a ver o que fazem os Srs. Leão e Velloso e Rio Vermelho.

—Esperemos.

Pois Vm. Sr. Lopes

Diz perante gente seria
Que o privou de ir parada
Certa molestia venerea?

E diz isto bem gritado
N'uma casa de negocio,
Onde tinha tanta gente
Além do dono e do socio?

Isto é feio em Vm.

Que ja não é mais criança;
E que além de ser casado
Para seus 50 avança.

—Venha cá, sor doutorete de borra, então V. intende que deve ser sempre capadocio, andar de perninha solt' bestando algures? Pois V. não sabe o que soffre sua mulher de sua mãe?

E como, infame! teve o desaforo de dizer-lhe que si tivesse certeza de ser ella a authora da publicação, V. deitall-a-hia pela porta fora?! Deite-a, que é um favor que lhe faz; entregue-lhe seu filhinho, onde ella recordará o ingrato que du'idou da boa fé da mulher, que ousou suppor que a martyr obrasse, a não ser para rogar a Deus pelo minoramento de seus soffrimentos, augmentados terrivelmente com a chegada de seu marido que ella suppunha seu salvador!

—E o Sr. que direito tem de entrar na minha vida privada?

—E' a palavrinha a que se agarram os maus chefes de familia.

Vida privada e todo mundo sabe; vida privada e sua mulher sae correndo pelas ruas em pranto, a gritar que

lho não roubem seu filho; vida privada e o escandalo é publico!

Ora, doutor, si tivesse mais um pouco de brio, não me havia de fazer essa observação.

—O Sr. insulta-me!

—Digo-lhe o que merece e mandarei dar mais tarde o de que precisa.

Foi com medo da furia de sua mãe, ou foi approvando, que V. consentiu que ella esfregasse a gazeta nas laces da moça?

Sem duvida consentiu em tal vileza, para ter sempre comida forra e poder passar a sua desastrada vida de *Lopes* que lhe ha de dar bons lucros....

Vejam que safado!

Um marido que consente em que seja desfeiteada sua mulher para que elle não compre que comer!

Doutor, são horas; ha muitos dias que o ando esperando, tenho estado firme na *estacada*; peguei-o, aperte-se.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Este bolas está a tua disposição; é um marido que desampara a mulher sem recursos.

—Eu intendo que a companhia Bahiana devia fazer na ponte uma declaração quando os vapores não podem atracar, para quem vae comprar passagem saber.

—Que duvida!

—Pois não Sr., chega-se alli, compra-se o bilhete e logo um salafrario arruma-lhe o carimbo, e só quando a gente vae embarcar é que dizem:—O vapor não atraca,—quando o bilhete ja não tem serventia.

—Porém estou certo que ninguem quererá perder sua viagem pela despeza com um saveiro.

—Mas quem vae como eu fui a uma viagem de passeio á Cachoeira por 25 de junho, e não quer se expor ao risco de um saveiro, com aquelle temporal, sendo advertido evita o risco.

E depois são mais 500 rs. que se gastam.

—E até acbe-lhe razão.

Dous de Julho.

Silencio! surgiu a aurora
Matizada de esplendor;
E' da Patria o natalicio
Que transunda encanto, amor.
O dia é vosso, bahianos;
Mancebos ou veteranos,
A mim nuidos cantae;
Maldicção à atrocidade,
Uma hosana á liberdade,
Abri os labios, soltae.

E' grande, hea grande o dia,
Mator na historia não ha;
Que o diga Lysia vencida,
Nos campos de Pirajó;
Que o diga esse povo bravo,
Que deixou de ser escravo,
Que as algemas sacculiu;
Nossas florestas dobradas,
Nossas armas denodadas
Nosso canhaõ que zoniu.

Que o diga o ceu azul claro,
Da bella Paragnasú;
E a espada altiva e nobre
Do sub'rano Labatut;
Esse valente guerreiro,
Que o diga Pedro primeiro,
Que dous mundos libertou;
Que o diga a França orgulhosa;
Essa Hollanda raivosa,
Que nossos campos talon.

Sim, bahiana mocidade,
Sera sempre vosso orgulho,
Esse dia immorredouro,
Que se chama—*Dous de Julho*;
O dia em que nossa terra
Seus filhos voltar da guerra
Mirou com santa expansão;
Em que as algemas quebradas,
Foram com raiva lançadas
Por sobre a pœira do chão.

Que magestade elle assoma!
No sol, na brisa—que amor!
Na mocidade, que fogo!
Nos vencidos que sterrou!
O' povo saud e tal dia;
Lembrai-vos que a tyrania,
Foi abyssmada por vós—
Lembrai-vos, que sois bahianos,
Que os bravos veteranos,
São vossos paes, ou avôs.

E tendes demais provado,
Que amais a vossa nação—
E no sul inda daes provas
De um povo serdes—leão—
Por vós Aguirre vencido,
Cahi par terra estendido
Sem ter bandeira, e valor—
E esse Lopez sedento—
Hade ver vosso portento
Das batalhas no stridor!

O' povo exultae sois livre!
E cravo ser nunca mais—
Influnai-vos, sempre e sempre
Com as glorias de vossos paes—
E sandai o Dous de Julho,
O dia de vosso orgulho,
Que fez-nos libertos ser—
Sêd sempre brasileiro,
Amai a vosso—Crazeiro,—
Por elle sabeí morrer!

Silva Lisboa.

—Capitão, veja quanto é safado o Rei dos moleques.

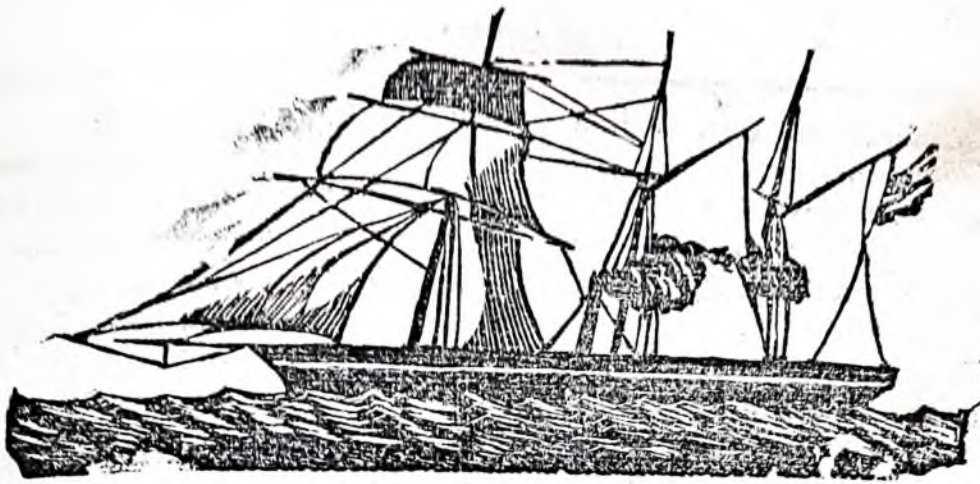
Na noite de 28 na rua da Lama foi a reunião de que elle é director. Estavam todos intretidos no seu divertimento e dansavam uma contradansa, quando appareceu na salla do baile um alfaiate dizendo que tinha feito o sobrecasaco de Salú, e gritando que queria o seu dinheiro, visto que elle obtivera a obra illudindo-o.

—Mas a culpa é de quem o admitte no meio de gente

—Os companheiros, envergonhados talvez mais do que elle, cotisaram-se com 1\$000 cada um e deram o dinheiro ao homem. Mas como cousa do diabo eis que apparece outro; era o sapateiro; reclamava um par de botinas que Salú lhe tomara para vir mostrar e entretanto estava com elle *fanfando* no baile! Depois de muitos pedidos e accomodação retirou-se.

ANNUNCIOS.

Ze-munturo, traspassado da mais profunda dor pela morte prematura de seu lembrado cavallo—*Pitu*—victima de uma asphixia e afogamento por immersão, convida a seus amigos, e admiradores das habilidades do morto a acompanharem o mesmo (cavallo) de sua casa á rua de *S. Carlos* n° 5 ao Engenho Retiro, onde será enterrado o pobre bichinho. Nessa occasião haverá lamuria e choramingas em commemoção áquelle honrado animal. O annunciante confessa-se desde ja eternamente grato.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

12 DE JULHO DE 1866.

SERIE 8.^a—N.º 72

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de julho de 1866.

Officio á Illm. camara municipal, pedindo-lhe encarecidamente que lance suas vistas para o pessimo estado em que se acha a fonte de S. Pedro.

—Ao Exm. Sr. commandante das armas, communicando-lhe que nos informam que não é exacto o mappa que a S. Ex. é remettido contendo a força aquartellada do 2º batalhão, por que allega seus soldados promptos quando alias existem 3! Acrescentando-se ainda que estes tres ficaram reduzidos a dous por haver um se ausentado da guarda do quartel onde dobrara dous dias.

Isto a ser verdade, pode ser muito bem desejo de apresentar numero de soldados, mas o publico pode tambem dar outra interpretação ao caso, pelo que espera-se que S. Ex. mande pôr o negocio em pratos limpos.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia communicando-lhe que os moradores do Campo Grande queixam-se da falta de policia que alli ha de noite; não se pode maudar uma cria na venda comprar qualquer couza por que apparecem vultos a lhes tomar o dinheiro etc.

—Ao mesmo, levando ao seu conhecimento que por occasião dos festejos de 25 de Junho foram desta cidade para Cachoeira diversas mulheres entre as quaes Lucrecia de tal: de Cachoeira seguiram para uma roça. Succede agora que voltando todas as outras, Lucrecia não apparece e nem dão noticia della.

Diz porém alguém que se acha presa e violentada em um quarto em casa da africana Ludovina.

—Ao mesmo, participando-lhe que anda por ahi um individuo, crioulo, de nome Gregorio, fingindo-se de procurador de devoções e irmandades, e munido de papeis arrançados por elle, a explorar a charidade publica, recebendo dinheiros em seu proveito. Diversas pessoas tem sido victimas da esperteza do tal magano e consta que entre outras o Sr. barão de Passé.

Faz-se por tanto preciso que o tal especulador caia nas rédes da policia.

—Publicou-se o novo regulamento para o Matadouro Publico.

—Na minha opinião não adianta idéa. Aquillo não é mais do que algumas fatias de pan-de-ló para se repartir com as amizades. Quanto ao povo continuará a ser roubado pelos cortado es; a pobreza ha de como de antes comprar libra e meia de carne por

duas: porque não fra allí uma medida preventiva para isso.

—E os novos agentes fiscaes?

—Ora os agentes fiscaes, logo que tomarem amizade com os cortadores a cousa fica no que era.

—Eu o que acho no tal regulamento são muitas contradicções e escapatorias.

—Por ex., depois de dizer que o medico e o porteiro será de nomeação da camara, indiar que devem ser os actuaes; sujeitar a opinião do medico aos magarefes, etc., etc.

—E dá ao superintendente certos poderes que servem muito bem para prestar favores aos amigos.

—E muitas cousinhas mais.

—E factos destes observam-se n'uma terra que se diz civilisada!

N'uma terra eminentemente charitativa: tão amante da charidade, que manda buscar em França enxurradas de irmãos de charidade e alaga a cidade dellas presenciam-se scenas como aquella!

—O que ha de novo?

—Desde hontem, domingo, cabiu allí na Quitandinha um preto e hoje segunda feira, é uma hora e ainda lá permanece.

O infeliz cahiu de bruços, com a face sobre a calçada; provavelmente morreu sufocado, porque depois de cabido dizem que deu signal de vida, mas não houve quem condoendo-se do desgraçado, ao menos o tirasse daquella posição; e assim esteve elle toda noite exposto a rigorosa chuva e até esta hora lá está,

—E as authoridades da freguezia o que fazem?

—Consta que até algumas passaram ao pé do cadaver, mas parece que pouco cavaco deram a vista do resultado.

VARIÉDADE.

Meus desejos.

Meu desejo? Era ser um carrapixo
E andar na lingua dos que fallam mal,
Meu desejo? Era ser um raio ardente
E no seio cahir de quem faz tal.

Meu desejo? Era ser erysipela
Que se abre em arestins bem ulcerosos,
Eu quizera engrossar as pernas finas
De muitos que ali andam ociosos.

Meu desejo? Era ser um aneurisma
E inchar, inchar até quebrar a veia,
Eu quizera com dores lancinantes
Dar que fazer a muita gente feia.

Meu desejo? Era ser horrivel serpe
E estorcer-me de raiva pelo chão,
Até poder pegar os malleitores
Ir mordel-os bem junto ao coração.

Meu desejo? Era ser um oceano
E abrir meu seio tão profundo e frio,
Engollir essa casta maldita

Q' bem mostra meu Deus, não ter mais brio.

Meu desejo? Era ser flexivel junco
Manejado por mão herculea e forte,
Eu zurzir com raiva os que maldizem
Da vida alheia até lhes dar a morte.

Meu desejo? Era ser atroz veneno,
Desses, que a morte num momento dão;
Retallar as entranhas desses monstros
Que da rapina fazem profissão.

Meu desejo? Era ser um ferro em brasas
E entrar pelas guellas dessa gente,
Que anda formigando pelo forum
E do desvallido compaixão não sente.

Meu desejo? Era ser aquelle salto
Que traz certo dandy no seu botim,
Esmagar com elle os charlatães
E depois lhes arrastar com um selim.

Meu desejo? Era ser uma corneta
Egual a do anjo no fatal juizo,
Clamar onde assomassem os intrigantes
Com tal fragor que lhe tirasse o riso.
(Extr.)

A PEDIDO

Isto é dente, queixo ou ponta?

O Sr. guarda-maior rapare a manci-
ra por que o Piroca faz o detalhe da
companhia.

Ha muita proteccão para uns o
diabos para outros.

E isto assim é o diabo o duro de se
aturar.

Os prejudicados aguentam com re-
signação e paciencia mas não é bom
que o nhonhô do cajado abuse tanto.

Depois os homens podem agarral-o
e amarral-o n'algum pé de Pereira.

Dizem que o culpado de na noite do 4 a guarda de honra à effigie do S. M. Imperador no Terceiro não levar bandeira foi o Sr. ajudante de ordens encarregado do detalhe; o que não acreditamos porque S. S. parece muito entendido nas cousas militares.

— Nesta terra commettem-se abusos inauditos!

— Temos alguma das suas?

— Francisco de Paula Miguel, guarda do 3º batalhão aquartelado foi preso no domingo para o 2º batalhão que se está organisando. O homem não se quiz entregar por pertencer a corpo diverso. Amarraram-no e esbofetearam-no e o escollaram para o calabouço.

O commandante do contingente deu parte ao Sr. presidente pintando o homem como uma fera, como um sicario, um mal-feitor; tendo porém a prevenção de omitir que o homem era guarda de Sant'Anna e que fóra esbofeteadado e amarrado com cordas.

O Sr. presidente sem mais preambulos ordenou que Francisco de Paula partisse para o exercito no vapor que nesse dia seguia para o Sul.

Sabendo o digno commandante do 3º do occorrido foi in continenti reclamar seu guarda, mas teve de andar de Herodes para Pilatos, porque o presidente mandou-o para o commando superior, este para o commando das armas, e por fim nada fez, por que consta que alguém lhe dissera que si quizesse o homem havia de ser como um favor.

— Caprichos, caprichos.

— O coronel Leite brioso como é respondeu que não queria favor no que ora de justiça e direito.

— E o homem embarcou?

— Não; dizem que a intervenção de um poderoso barão conseguiu o que não a razão e a justiça.

— Bem fez o Sr. coronel Nicolau que tendo sido preso pelos taes um guarda contribuinte do seu batalhão, elle sem dar satisfacção mandou-o sabir do calabouço e mandou-o embora.

— Eu so queria saber com que fim manda o Sr. Leão Velloso aquartellar

uma chusma de officiaes sem soldados: tres officiaes, quatro sargentos e tres soldados!

— Cada official commandará um soldado!

— E viva a patria, morram os patifes!

— Leopoldo, bem que saiba
Qu'a taca não te faz mozza,
Antes de atirar-te ao mar
Has de levar outra cossa.

— Tenha dô, sôr muxingueiro,
Não me castigue mais não;
Humilhado a suas plantas
Eu lhe supplico perdão.

— Bem te intendo, crocodilo;
Pensas que has de me illudir,
Com tuas labias e choros
E do castigo fugir?

Ja te conheço as manhas
Minha besta de dous pés:
Ladrão, safado e infame
Traidor e covarde és.

Agora que estás filado
Pedes miseravelmente;
Logo que te vires solto
Ficas audaz e imponente.

Não é a mim que illudes,
Da natureza escoria;
Enganarás quem não sabe
Tua negra e feia historia.

Por tres dias de infusão
Vou metter-te na cloaca;
Vê si podes roubar la
D'algodão alguma sacca.

Auri diabolica fames.

O aviso de dez de junho do anno proximo passado, veio confirmar ainda mais quanto é diabolica a fome d'ouro.

Com effeito! Quando nesta terra do *valedismo e da corrupção*, que mais e mais tem desenvolvido o governo d'estado desde que em mil oito centos e sessenta e dous, levantou a bandeira revolucionaria, que tem abalado o paiz por seus alicerces, preparando o cataclisma, que ha de, infalivelmente, ingulir o imperio e suas instituições, ja

por de mais desacreditadas, gozavam pacificamente, a sombra da lei, dous cidadãos, cada um de um pequeno emprego, que lhes ajudava a subsistencia, de repente levanta-se o Sr. Ignacio Alves Nazareth, que não se acha satisfeito com a riqueza, que hoje possui, obtem do Sr. Nabuco de Aranho um aviso, pelo qual são destituídos dous empregados, quando determinado na lei provincial n.º 142 de 26 de abril de 1841, eram vitaliciamente providos ensaiadores d'ouro e prata, quando o Sr. Nazareth, o predilecto dos famelicos da liga, possui de longa dacta o de contraste de metaes.

E um desses individuos, Francisco José de Souza, arrancando-se lhe a unica minguada fatia, que o alimentava e a sua pomerosa familia, no apogêo do desespero suicidou-se!!!

E não lhe doe isto n'alma, Sr. Nazareth? Ora estas cousas da historia antiga! Ande eu quente, ria-se a gente. E o Sr. Nabuco fez tudo quanto quizeram! Dizem que até o Sr. Nazareth pretextara serviços a independencia!

Será isto verdade?

Onde foi que os prestou?

Em que qualidade?

E então não traz no peito a insignia dos bravos?

E o Sr. Nazareth, que tanto tem crescido e que deseja ainda mais crescer!

O bolieiro.

—Que ajuntamento é aquelle na botica do Sr. Carlos?

—E' o capitão Botelho que receia sahir.

—Sahir de onde?

—Da botica.

—Que impossibilidade ha nisso?

—Os moleques querem apedrejal-o.

—Porque?

—A sobrinha encontrou-se com o tio e o chamou ladrão de seus bens e da sua honra.

—Isso rapaz é materia velha; outro dia houve, entre elle e ella na porta do forum, bofetada velha.

—Agora, capitão, não houve bofetada, houve cousa melhor.

—O que foi?

—Dentre os observadores ouvira-se uma voz chamando o Sr. Botelho macacão, em menos de dous minutos todos que passavam o conheciam por tal.

Elle ficou, capitão, em um estado cataleptico, palido, lavado em suores; tanto que passando na occasião o Sr. Antonio Joaquim da Maia e vendo o papel triste que representava o Sr. Botelho, foi á delegacia pedir ao Sr. delegado que viesse socorrer ao Sr. Botelho, que elle receiava ser acometido de alguma syncope.

A presença do delegado deu fim a historia.

—Rapaz ninguem pecca neste mundo por innocente, sua alma sua palma.

Será verdade que ha perto de um anno e meio que anda nesta cidade um moço com insignias de 1.º cadete sem que até hoje tenha se justificado e provado que tem foros para poder usar dellas?

Será verdade que esse moço anda constantemente a cavalle quando todos os outros cadetes andam a pé, e tem até soldado que lhe lava o cavallo á porta?

Isto deseja-se saber por curiosidade.

O Cunha.

ANNUNCIOS.

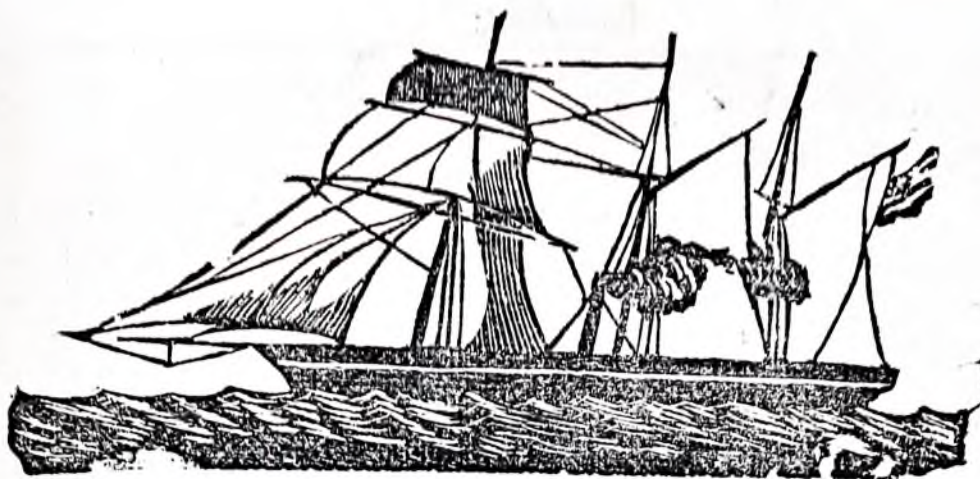
Atenção.

Para nossos irmãos feridos em defeza da patria no Sul do imperio.

No Asylo da Misericordia, ao Campo da Polvora, serão recebidos, em qualquer quantidade, pannos de linho velho, para delles se tirarem fios para os feridos dos hospitaes de sangue na campanha do Paraguay.

Anda fugida uma crioula alta, gorda, um pouco fula, conhecida geralmente por Quiabo duro, quando seu verdadeiro nome é Maria Philippa; tem sido vista pela ladeira do Alvo e immediações quem a prender e levar a seu senhor, será gratificado com duas saccas de farinha.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPHINA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

14 DE JULHO DE 1866.

SERIE 8^a—N.º 73

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicaçõ s. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de julho de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe por prevençãõ que mande examinar o estado do sobrado n.º 32 atraz da Sé, o qual do lado da Misericordia apresenta uma saliente rachadura do alto até o 2.º andar; e ficando o mencionado sobrado n'uma esquina com o incessante rodar dos carros pode sofrer algum abalo e resultar algum sinistro que é bom prevenir.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, communicando-lhe que na ladeira das Hortas ha um formidavel candomblé ou caza de dar ventura pertencente a um africano, ondeattrahidas pelo desejo de melhora desorte e fazer fortuna vão centenas de mulheres e alli sujeitam-se a praticas não so reprovadas pela moral como pela religiãõ, que lhes impõe o tal africano.

Em vista do que, appella-se para a energia de S. S. si deve continuar semelhante escandalo.

—Ao Sr. empresario da limpeza publica, dizendo-lhe que mande apanhar

um grande colchãõ que ha muitos dias está na ladeira do Pau da Bandeira.

—Ao mesmo, para que mande apanhar na ladeira do Pau da Bandeira uma esteira velha que das janellas de palacio jogaram na manhan de 14 do corrente.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que não consinta que se continue a tirar areia nos Mares, reduzindo-se aquelle logar a perfeitas covas de tutús com as innumeraveis excavações que fazem as pretas. Cumpra.

—Mais uma brilhante phalange vae provar nos campos do Sul o fervoroso patriotismo que distingue os filhos desta nobre terra.

Sete distinctos professores da schola de medicina e vinte um briosos academicos de differentes annos, vão marchar para o theatro da guerra a acudir seus irmãos feridos.

Gloria á terra que produz taes filhos!
Honra á sublime dedicaçãõ de tão generosos corações.

—Deus que protege as causas santas lhes recompensará tanta abnegação.

—Abusos! Abusos! Por toda parte al usos!

—Abra lá seu almanak.

—Ante-hontem apresentou-se em

uma casa á rua das Campellas Domingos José Cardoso acompanhado de um official de justiça e sem mais satisfação ou formalidade, invadiram a casa, varejaram-na, vasculharam canto por canto, gritaram com o dono da casa, e por fim declararam que iam em procura de uma tal Domingas com quem pende um litigio sobre liberdade.

Ah! ja sei o que é. Sobre esse negocio, ha cousinhas boas que breve lhe contarei.

—Faço ideia o que será; nada menos do que a prepotencia opprimida o fraco.

—É mais alguma cousa.

—Diz o *Diario* que o Sr. capitão F. Manuel Gonsalves da Cunha offereceu-se para organizar um corpo de voluntarios, e que S. Ex. o Sr. presidente accitou o seu offerecimento, e mandou-o aquartellar no Forte de S. Pedro.

—Ainda vae a tempo!

—E vae,

—Então concorde que a cousa não vae muito bem, e que o governo tem nos pregado muita pomada nas noticias que manda publicar.

Quando se exige de quem ja fez tanto novos sacrificios, é...

—Não se exige, é expontaneo.

—Pois bem; quando so accita os recursos extremos de quem ja deu o que tinha para dar é prova evidente de que ainda se precisa de muito; por que deve se attender tambem que a lavoura, a industria e as artes não devem paralyzar.

—Mas eu intendo que em primeiro logar está a honra da nação.

—Sim Sr.; mas si não andasse aqui a dizer que tinhamos um exercito de sobra quaesquer que fossem as eventualidades da guerra.

—Meu charo, eu o que desejo é que o Sr. capitão Cunha seja muito feliz, e que os habianos dêem mais uma prova de patriotismo e resignação.

—Nós o que devemos é pedir a Deus que se amercie do infeliz Brasil.

—O olho-vivo anda desenfreado, é por toda partel

—Menos na policia.

—Ha cerca de duas semanas roubaram a uma preta la para o Bomfim, 1:000\$ rs. pouco mais ou menos.

—Bagatella!

—São indigitados alguns individuos entre os quaes um escravo do Sr. Argollo e um tal Serra, que foram presos, e consta que entregaram 500\$ rs.

—Do mal o menos.

—Sabbado 14 fizeram no Rio Vermelho uma caçada horrivel; a povoação ficou deserta, o povo abandonou o logar.

—E o *Diario* não diz que não ha recrutamento?

—Historia? O Sr. não vê todos os dias a immensidade de homens que chegam de fora escoltados?

O que eu queria é que em logares como o Rio Vermelho se fizesse o negocio com mais regularidade e não se aterrorisasse o povo.

—Pode ser que não fosse recrutamento e sim prisão para a guarda nacional.

—Isso lá não sei; o que sei é que se precedeu bruscamente e a população desamparou suas habitações.

A PEDIDO

—Mais uma do Rei dos moleques.

—Arre! E' um nunca acabar!

—Si a cada instante elle faz uma!

V. Ex. ja sabe que elle é director de uma sociedade de dança, a qual na noite de 28 deu uma reunião a'uma rua cheia de lama.

—Siga o carro.

—Foi ao *chefe* do trem do mar o contractou com elle para ir a musica dos *infantes* tocar na referida reunião.

O chefe que não sabia das saçanhas do Rei dos moleques cabiu no logro, julgando que tratava com alguma pessoa seria e até hoje está sonhando com elle.

—Perdoe, meu charo, é costume quando se ajusta estas funcções cabir-se logo com o côco.

—Mas V. Ex. não sabe que Rei dos moleques é fertil em patranhas?

Foi logo offerecendo algum dinheiro por conta e dizendo que linda a reunião daria o resto.

—E' dos diabos o Sr. Rei dos moleques!

—Os pobres musicos viram-se encastifados.

—Porque?

—Porque Rei dos moleques queria que a musica tocasse toda vez que entrasse alguém, até crioulas de saia, os capotes da rua tomaram conta e cabiam de pateada toda vez que entrava uma belleza de Guiné e que elle mandava tocar.

E sabe de mais uma?

—Qual?

—Rei dos moleques deu agora para escrever.

—Serio?

—Está tirando a lama que tem em cima de si e jogando em outra pessoa.

—E elle tem dinheiro?

—Elle escreve e outro paga.

—E o muxingueiro corrigirá as provas.

MOTTE.

*Os olhos desta mulata
São brilhantes lapidados.*

GLOSA.

Qualquer um peito s'exalta;

Faz a gente enlouquecer,

Si uma só vez chega a ver

Os olhos desta mulata.

Eucanta, seduz e mata

Seu olhar; e si quebrados,

Ternos e afaccirados,

São astros a fulgurar

Quando estão a scintillar

São brilhantes lapidados.

—Sr. Antonio, bem me disse o Marques que Vm. era incorrigivel!

Ja se lhe deu a amostra do pano e Vm. não dá de si!

Ja sei, quer fazenda mais grossa.

Por causa de suas foscas o Firmino mudou-se, e a visinhança descançou de suas macaquices e tregeitos; agora

quer continuar o escandalo offerecendo beijos e abraços ás meninas de defronte; mas olhe que com essas a cousa se fia mais fino; si o pae presenciara.... elle não é de graças

E acha pouco a sua depravação que ainda consente que seu hospede venha para a salla enrolado n'uma coberta com as janellas escancaradas!

Emende-se!

Si quer fazer carinhos e afagos e dar provas de ternura, va buscar sua mulher que la está esquecida em Itaparica, e prodigali-se-lhe o que anda a offerecer a quem não lhe pede, e assim fica a visinhança livre de suas bobagens.

—E' o diabo! Um homem não é senhor de suas acções!

—Isto dizem todos que obram bregeiradas.

Pois desta vez ainda se teve contemplação com o Sr., porém si continuar não gosta.

Depois não diga que é um homem empregado, que é la da *sociedade negocio*, por que o muxingueiro não tem nada com isso, e apezar de sua ligereiza de trepar em pés de *saboeiro*, lá mesmo o alcançará a inexoravel tacã do dito.

—Os especuladores de tudo querem tirar proveito!

—Alguma cousa?

—Um meleque aqui a tempos achou um anel e levou-o ao senhor; o anel tinha uma pedra de diamante sofrivel. Incontinenti o homem annunciou que quem fosse o dono fosse buscal-o, appareceu um sujeito, mas não accertou com os signaes. Depois um certo cujo pediu em confidencia que lhe mostrasse o anel e dias depois apparece a noticia de que um parente do tal cujo tinha perdido o anel do casamento.

—Bem diz o *Casusinha* que com estas e outras é que muita gente ajunta dinheiro!

—E recolheu o anel?

—Qual! o sujeito não decorou bem a lição, quero diser, esqueceu-se dos

signaes do sou annel, o não deu-os exactos.

—E ficou com agua no bico?

—Justamente.

—E vão ver que hade querer passar por algum *santo*.

—So si for de pau de *amoreira*.

MOTTE.

*Na travessa do Cruzeiro
Cahi de nariz no chão.*

GLOSA.

Certo rapaz mui faceiro
Olhava para a janella
Onde vira certa bella
Na travessa do Cruzeiro
Todo absorto o bregeiro
Ja se julgando um Titão
Leva um baque; a moça então
Pelo que vê põe-se á rir;
Ah! disse elle a fugir:
Cahi de nariz no chão.

—Capitão, antes que o muxingueiro tome conta da bôa rolha do vigario de Matatum, irei contando algumas gentilezas delle.

Tem o magano entre suas ovelhas um sujeito de nome *Come-teiú* que é amasiado com uma certa *Bitú*; rapariga que não mette lá medo a ninguem.

O marreco do vigario, moderno Faulblas, cubiçou a companheira do homem e entrou a fazer-lhe roda-pés. Um dia metteu-se n'uma moita de cou-raneiras e chamou a rapariga para *aconselhal-a*. *Come teiú* que não é de graças, e que ja andava com a pulga na orelha, bispou o negocio, muniu-se de um cassete o foi direito ao padre vigario, que levou uma tremenda carreira com as calças na mão.

O vigario para salvar as costas correu com a maior sem vergonha, e quando se viu apadrinhado por algumas pessoas entrou a blasonar e insultar o homem.

—Que padre damnado!

—Indo assistir a umas missões na freguezia de *Cogitipe*, sumiu-se da egreja; quando o procuraram foram dar com elle atraz de uma moita perto da egreja, aos detens com a crioulinha

Emilia, vestido de batina etc. etc.

—Que devasso!

—Abandona a freguezia constantemente; ainda no dia 29 de junho, dia do principe da egreja, foi dizer missa em um logar onde chamam *brochado* a quem lá vae, deixando os parochianos em branco.

Metteu se n'nm pagode dos escravos da fazenda; presidiu a um banquete delles, deu muitos vivas e ipes; cantou o papagaio, fez saudes etc., e sambou toda noite com elles; mas sabe por que fez elle tudo isso?

—Não.

—E' por que no meio tinha bellas crioulinhas.

Mostrava-se muito amigo de um homem de quem é compadre, o qual depositando nelle confiança dava-lhe ampla liberdade em sua casa.

O Rvm. que não tem contemplação com ninguem abusou da franqueza que o homem lhe dava para cometer mais uma das suas, sendo apanhado no acto pelo proprio compadre o qual tendo mais vergonha do que elle não lhe disse nada e o que fez foi retirar a confiança que depositava no animal, fechando-lhe a entrada do interior de sua casa.

(Continua.)

ANNUNCIO.

Nesta typographia vende-se os seguintes livros:

Constancio. Diccionario portuguez, em bom estado.—9\$000 rs.

Direito Publico Brasileiro de Pimenta Bueno.—7\$000 rs.

Historia da revolução franceza.—8\$000 rs.

Casamento Civil, por Carles Kornis de Totvárad.—5\$000 rs.

Historia da Edade media por Calogeras.—3\$000 rs.

Guia eleitoral, ultima edição 2\$000.

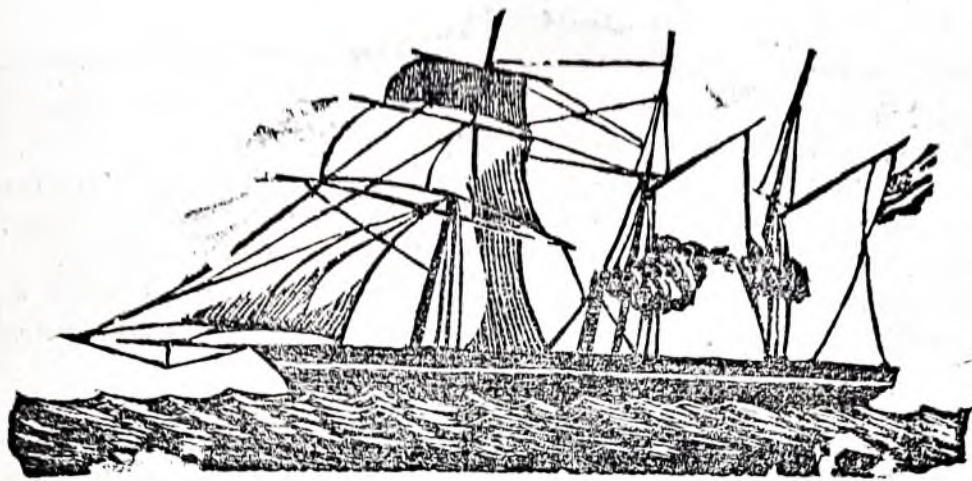
A Mão do Finado.—2\$000 rs.

Constituição do Imperio.—1\$000.

Codigo criminal.—1\$000.

Formulario de Chernoviz, edição do corrente anno.—5\$000 rs.

Os Lusíadas de Camões.—3\$000 rs.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

14 DE JULHO DE 1866.

SERIE 8.^a—N.º 73

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de julho de 1866.

Officio ao Ilm Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que na madrugada de 8 do corrente foi arrombada a barraca em frente a guarda da praça do Mercado, pertencente a Maria da Purificação, roubando se-lhe 50\$000 em dinheiro e uma porção de ovos.

Bem vê S. S. que se dando desses factos, defronte de uma guarda que deve vigilar sobre a fortuna alheia, é de presumir que sejam os authores os mesmos guardas sobre quem pesam todas as suspeitas.

Espera-so da energia de S. S providencias, afim de que não se reproduzam actos taes, em prejuizo das pobres ganhadeiras que já pagam á camara um aluguel estupendo.

—Ao Ilm. Sr. delegado do 1.º districto, scientificando lhe que os meninos vadios, ja vão soltando as manguinhas e continuando nas suas travessuras. Torna-se preciso que S. S. ponha de nove em execução a salutar medida de mandar agarral-os.

—Ao Ilm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe, que veja si pode dar cabo de uma sucia de mandriões que andam

por sua freguezia, á noite, a roubar candieiros pelas escadas dos sobrados. Só a casa n.º 30 á ladeira da Praça tem sido victima tres vezes nestes dias, na rua Direita de Palacio a casa da Mariquinhas Gostosa e mais duas, além de muitas outras por abi; em rasão do que espera-se que S. S. dará providencias a respeito.

—Ao empresario da limpeza que mande limpar a bocca de lobo á subida da ladeira do Carmo que está transbordando.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Zeze Deslocado Ferreiro Mundinho pedindo, em vista de sua aptidão na arte de escamotagem, para continuar a advogar causas injustas, e fabricar testamentos falsos — Attendendo aos relevantes serviços prestados pelo petionario neste ramo, não só nesta cidade, como na ilha da *maré* fica nesta data deferido.

—Caçitão, ouça isto que vem no *Publicador*:

«O HOMEM FERA—Os jornaes publicam um facto horroso que se passou em Cavite, na Manilha e poz em alarma os habitantes d'aquella pacifica povoação, derramando entre elles a confuzão, o terror e a consternação Eis o que no referem os jornaes essa cena de horror:

Um soldado indigena do regimento n. 8, de guarnição n'aquella praça tinha entrado em uma casa á rua do Arsenal, habitada por um mestre schola com quem se travou de rasões, e dominado pela ira, lançou mão a um punhal, e dando-lhe um terrivel golpe na região do braço, cabiu o infeliz mestre schola para nunca mais se levantar.

Um seu filho, rapaz de 10 annos, travou de nũ sabre e accadiu em defeza de seu pae, mas o assassino, mais destro, ponde evitar um golpe, e cravou o punhal no coração do pobre moço que cabiu morto junto ao cadaver de seu pae.

Esta horrivel scena era apenas o primeiro acto do espantoso drama que a povoação ia presenciar.

Perpetrado o duplo assassinato, sahio o soldado para a rua, e a primeira creatura que lhes offereceu aos olhos foi uma menina de 10 a 12 annos, correu para ella e deixou-a morta com duas punhaladas.

Acto continuo, saltando como panthera em matas, arremessou-se sobre outra criança de não mais idade que a primeira, e a derrubou morta a seus pés.

Este quadruplo assassinato não produziu no animo do soldado outro effeito que não fosse o de procurar mais victimas.

Passou correndo por uma travessa para a rua Real, e tomando a direcção do quartel feriu muito gravemente a uma mulher com uma punhalada na região do figado; um menino de 8 a 9 annos recebeu um golpe na região inferior do braço esquerdo; um cocheiro ficou mortalmente ferido na região do braço; outra mulher recebeu uma ferida transversal no pulso direito; um grumete europeu da corveta «Narvez» cabiu gravemente ferido nas costas; um artilheiro do exercito, evitando um bom golpe recebeu uma leve ferida transversal no antebraço direito; um soldado do mesmo regimento 8 levou uma punhalada no seio direito; e finalmente, um soldado europeu de infantaria teve um ferimento leve e ficou com a farda rota.

Todos estes crimes foram perpetrados do corrido, e talvez em menos tempo do que o necessario para o referir.

Ao chegar ás portas do quartel com o espanto nos gestos e com o fato manchado de sangue deteve-o a sentinella, e elle cego de furor, cravou em si mesmo o punhal na região do estomago, fazendo uma ferida de gravidade.

Cabiu, e ainda assim foi difficil desarmar-o.

O instrumento de tanta desgraça era um mão punhal de manufactura indigena, cujo ferro tinha umas cinco polegadas.

O criminoso está no hospital, e posto que o seu ferimento seja grave parece que não é mortal.»

—O homem parece que tinha no coiro sete diabos!

VARIÉDADE.

Lê-se no *Jornal do Recife*:—Ha poucos dias transcrevemos da *Revista Commercial* de Santos a noticia do phenomeno que alli se deu de haver uma gallinha posto um grande ovo, que encerrava um outro dentro; phenomeno egual acaba de dar-se aqui. Um estrangeiro, que reside entre nós, pessoa de toda circumspeção e credito, nos apresentou hontem a casca de um ovo pouco menor que o de avestruz, que lhe puzera uma galinha sua, dentro da qual foram encontradas tres gemas e um outro ovo de tamanho regular.

A PEDIDO

—Capitão, aqui está o tal vigario de Matatuim; tem feito o diabo Andou atraz de uma negrinha a quem chamam Santinha, atormentando-a e como esta o desenganasse deu um furioso espectáculo de gritos dizendo que havia de levar-a a chicote.

Em certas noites anda por detraz das casas das familias a seduzir as filhas alheias; ás vezes a desacreditar familias que nenhuma importancia lhe dão.

Tem o costume de abusar do confissionario, crime, capitão que não deve por forma alguma ficar impune.

Para avaliar-se quem é basta dizer que são seus amigos um celebre Ervasto advogado e um Anacleto irmão da filha do sapateiro em cuja casa se faz as orgias.

E não é so por este lado.

Uma senhora conhecida da Leandra, filha do avô delle foi quem o criou;

elle deitou-a comtudo para fora de casa a ponta-pés dando-lhe uma cuia de farinha na occasião da despedida, a qual cuia atirou ao chão por achar indignidade entregal-a na mão da mulher.

E' pois um grande ingrato, um desalmado.

—E' gente de solaina, meroco um certo respeito.

—Qual respeito, qual nada, capitão! E' taça em cheio; pergunte a elle quantas vezes a Vitalina lhe tem posto aquella cara em petição de miserias.

—Neste caso arranje-se la com o homem.

Soneto

Offerecido a um miseravel vendedor de carne secca no mar que leva 3 mezes para vender um pequeno carregamento.

Mal naceste patife, e qual damnada
Besta manhosa que aloita escoceia
Assim tu toleirão na vida alheia
Tua lingua voraz tens empregada.

D'uma alma baixa, vil e depravada
Quanto de mau existe em ti se enleia,
Falla de todos, té que a vil correia
Do corpo te saccuda a poeirada.

Continúa assim pois oh! meu jumento,
Progride em tua lei, meu D. Quixote,
Que um dia terás teu pagamento.

Não mudes de vida e nem de norte
Que epocha virá que n'um momento
Tu pagues com grosso calabrote.

O CABRA. (que lhe ha de quebrar a casa)

—Ora que ha de estar aquelle bebado a incommodar o socego publico, ás tres horas da madrugada!

—E o sujeito é sinorio! Appellida-se de *D. Augusto*, talvez para descarregar a responsabilidade de seu feio procedimento sobre um moço deste nome.

—Em algum tempo havia aqui um sujeito tido por valentão e desordeiro chamado *Regis*; os capadocios quando faziam das suas á noite, gritavam:—é o *Regis* para imputar ao homem seus

maus-feitos, de sorte que elle não se carregava com as suas culpas como com as dos outros.

—O diabo do homem está furioso a atirar pedras como doudo, não ha palavra offensiva á moral que não desleje pela bocca fóra!

—Eu só estou a ingenuidade com que aquelle empalhador da rua do Tijollo emprestou-lhe um cacete. Si o homem pede-lhe uma faca elle dava.

—Que encouraçado dos seiscentos! não attende nem ao official da ronda que chegou com a patrulha; e no seu furor bachico descompõe a chefes de policia, delegado etc.

Oh! que damnado! Paraguay está chorando por ti e outros que taes!

—O sujeito chama-se Balthasar.

—Porque o rodante chamou-o assim.

—E diz elle que não ha forças humanas que o levem dalli em quanto não se vingar com um tal Barretto que bebeu com elle e o trahiou.

—Assim queira a policia que eu lhe mostro si vae ou não.

—E é bom que a policia o leve a descansar afim de ver si dissipam-se os vapores que lhe pesam na cabeça.

—E poder a gente dormir, porque não se ha de ficar acordado até demanhã com os gritos de um chupista.

—E note que é uma das cousas insupportaveis, é um bebado atrevido.

Sr. commandante do *Alabama*.—Tendo chegado de Nazareth a esta cidade um celebre espalha-cisco, heroe de sumidouro, e constando-me que esse individuo, além de não ter passaporte tem sido encontrado em diversos logares a detrahir da honra de uns Caldas de Nazareth, se bem que esse impostor e presumido tolo ja seja aqui bem conhecido e, desacreditado como está, não mereça confiança nem daquelles que o ouvem que, so por debique, soffrem as suas massadas como ja tivemos occasião de notar, convém que V.S., com a precisa urgencia, mande que o seu muxingueiro, depois de cortar-lhe a lingua pelo pé para que jamais possa

ferir a reputação de alguém, amarre-o à cauda de um cavallo pampa e correndo as ruas d'esta cidade, leve-o para o porão ella, com um calabrote bem breado, dê-lhe ate que elle grite por S. Viriato de Jesus e repita aquella quadrinha:

Bravo parente
Bravo lusia
Sua criada
Helena Maria.

—Oh! Sr. *inspector*, Vm. por aqui?

—E por que não? minha obrigação é andar *velando* em toda parte.

—Eu creio que motivo mais forte o obriga a andar tão á miúdo pelos Mares.

—Está enganado.

—Não se faça esquerdo quando muita gente ja sabe; depois o Sr. faz a cousa tão semcerimonia que só não dá na vista dos cegos.

Passa com frequencia para lá para cá; para no lampeão, faz tregeitos, momos, acenos etc. E hontem muita gente viu quando a negrinha levou a cartinha.

—Distracções, distracções.

—Mas, Sr. *fiscal*, isso é desairoso, Vm. um homem casado, na rua, com o *gaz* accezo, pucha por uma carta e manda dar a uma moça na janella.

—E ella porque recebe?

—Ella recebe, por que incauta ignora que o Sr. é casado, porque o Sr. a anda a seduzir com promessas que não pode realisar, e a inexperienced acredita em suas parolas e infelizmente não tem quem lhe abra os olhos, quem lhe mostre o abysmo que está aberto a seus pés.

E a infeliz cabirá no malevolo laço que o Sr. lhe arma, e cederá a seus lubricos desejos, para o Sr. depois abandonal-a como tem feito com tantas outras.

Para que faz esse mal a innocente? Para que lhe quer desfolhar a capella virginal?

O Sr. não sabe que a honra tem um preço real, e que deshonorada aquella moça, não será mais rainha dos Mares?

—Não dou satisfacção dos meus actos.

—O Sr. não dá satisfacção porque seu excellente irmão acha-se a esta hora nas fronteiras do Paraguay barateando a vida em defeza da honra nacional, em quanto o Sr. aproveitando-se de sua ausencia, qual tigre sedento quer estrangular o thesouro maior de sua vida, a honra de sua irman.

ANNUNCIOS.

ESCRAVO FUGIDO.

Fugiu desde 9 de junho do corrente do poder do abaixo assignado o seu escravo africano, de nação nagô, de nome Fiel, estatura regular, magro, tem no rosto signaes de sua terra, tem os dentes da frente podres, costuma beber caxaça com excesso a ponto de dormir em qualquer lugar; quem o prender e o levar ao Caes Dourado caza n.º 54 receberá 20\$000 de gratificação.

Este preto tem sido visto no Sangradouro, Cabula, Matatú; foi do Sr. Antonio Joaquim Freire de Carvalho e Albuquerque do engenho das Brotas termo de Santo Amaro.

José Machado Guimarães.

A pessoa que precisar de uma moça para servir de ama secca, procure á rua do Aljube, á travessa do Saboeiro sobrado n.º 15 2.º andar, que ali achará com quem tratar.

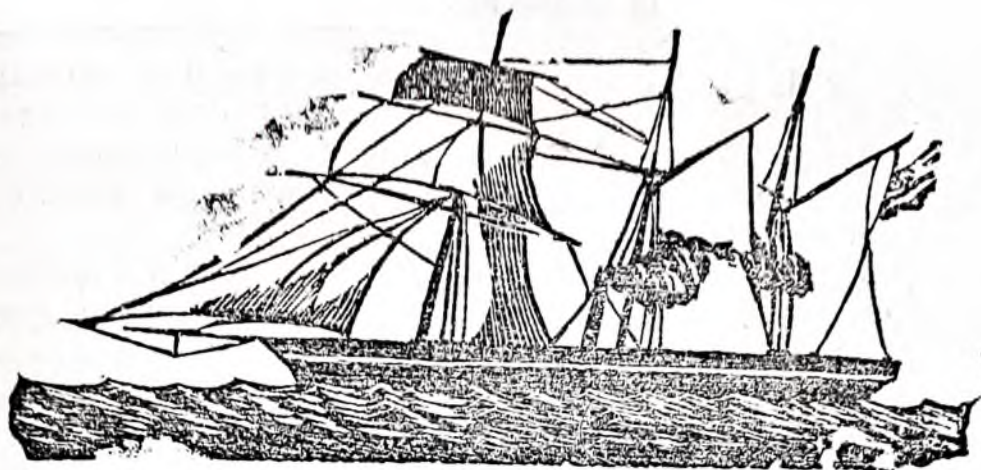
Atenção.

Para nossos irmãos feridos em defeza da patria no Sul do imperio.

No Asylo da Misericordia, ao Campo da Polvora, serão recebidos, em qualquer quantidade, pennos de linho velho, para delles se tirarem fios para os feridos dos hospitaes de sangue na campanha do Paraguay.

Na rua Direita da Misericordia, n.º 21, 2.º andar, recebe-se roupa para engommar com accio e promptidão.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPUNA.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHIÓSTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

19 DE JULHO DE 1866.

SÉRIE 8.^o—N.^o 73

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

O numero antecedente do *Alabama* é 74 e não 73 como por engano foi publicado.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de julho de 1866.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas.—Constando que um individuo de nome Manuel Henriques do Couto Pinho assentara praça de 1.^o cadete no antigo esquadrão de cavallaria em 23 de abril de 1865 e que tem usado dessas insignias sem que até hoje se tenha justificado, faz-se preciso, no caso de ser assim, que V. Ex. obrigue o referido individuo a exhibir quanto antes seus fóros para poder continuar a usar das mencionadas insignias.

Portaria ao fiscal geral, perguntando-lhe a razão porque consente que os armadores de feira deixem as ruas esburacadas quando desarmam suas traquitandas. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que faça demolir por conta de quem pretender um cano ladrilhado de tijollos que ha na entrada dos Curraes Velhos ao Barbalho, o qual sahe de uma propriedade e toma uma boa parte da rua.

REPARTIÇÃO DA POLICIA DE LATRONOPOLIS.

Extracto da parte do dia 13.

A disposição da policia foram presos: Na freguezia de S. Carlos, José monturo, hespanhol de 73 annos, casado, ferreiro preso em flagrante por tentar violentar uma moça que se diz sua filha na *fonte dos amores*.

Na freguezia de S. José, Carlos ferreiro judeu 72 annos, viuvo, ferrador, por ter roubado a uma parda á rua da Faisca uns cordões de ouro, allegando, estar com o diabo no corpo, e por isso não podia ver Nossa Senhora.

Na freguezia de Passé, José, cabra escravo do *Escriptura Sagrada*, 57 annos pelo roubo de *dous patacões* e uma pessa de corda de estender roupa de *Rosa-florete* e iniciado como chefe da companhia do olho-vivo daquella freguezia.

Na freguezia de S. Javinha, Carlos florete italiano, 65 annos bigamo, accendedor de lampeões, pelo crime de seducções e offenças a honestidade a menor Annita das qnartinhas.

—Continúa o enthusiasmo na classe medica.

Viva o honroso exemplo que dá a Bahia!

—Honra a seus filhos que não trepidam ante qualquer sacrificio quando

se tracta do desaggravo da patria e da humanidade que soffre.

—A mocidade é sempre inexgotavel de acções heroicas. Vede que brilhante pleiade de jovens deixam lettras, familia e commodos para acudir ao reclamo da patria que implora soccorro para seus bravos defensores! Vede, o exemplo é da mocidade, os primeiros que se appresentam, que correm pressurosos são os mancebos; honra pois á mocidade!

—Tem de ser dado um espectáculo no theatre publico, para com cujo producto erigir-se em Pirajá um monumento ao bravo tenente coronel José da Rocha Galvão.

—E' louvavel o pensamento que sem duvida bem acatado será pela população bahiana, sempre disposta a abraçar as grandes ideias.

—Dar publicidade aos actos de generosidade é sempre bom, n'uma epocha em que elles são raros e podem servir de estimulo a outros. Assim como os religiosos franciscanos prestaram se gratuitamente ás ceremonias do funeral do tenente coronel Galvão, tamtem o Sr. José da Costa Ferreira prestou-se com sua armação, erigindo aquelle magnifico cenotaphio, e reduzindo toda a despoza do funeral a seis centos e tantos mil rs.

—Não tem duvida é digno de cordiaes elogios e credor de gratidão o proceder do Sr. Costa Ferreira.

—Capitão providencias!

—O que foi meu amigo?

—Está a cinco dias uma mulher a expirar na freguezia do *Segura-parede* sem o Sagrado Viatico!

—E por que não chamam o vigario?

—Ja se cançou de chamal-o.

—Impossivel!

—Verdade, capitão

A primeira vez disse elle que n'aquelle dia não podia, mas que no seguinte iria; no segundo dia tornou a desculpar-se que estava occupado; mas que iria no terceiro si não chovesse;

no terceiro perguntou si não tinham visto a chuva; no quarto disse que era doente, que o logar era longe, podia vir no caminho alguma chuva, e elle não queria se expor.

Perguntando-se-lhe si a mulher devia morrer sem o Sacramento, respondeu que ella ja ostava nas portas da morte e que não era justo que elle se arriscasse a adoecer, pois nesse caso seriam dous enfermos.

—E onde mora a mulher?

—No *Mau-gosto*.

—E' por isso; o homem não quer caminhar.

—Mais devia ter um coadjutor.

—Sim. . .

—Ou então, si não pode desempenhar o cargo não se encarregasso delle.

—Tambem ha freguezias tão compridas!

Emfim, Deus permita que a mulher dure mais alguns dias e que faça sol, para o Sr. Vigario se resolver a ir administrar-lhe o pasto spiritual.

VARIEDADE.

Carta

D'um caixeiro traficante a um retratista

Rua do Rozario, 7 de junho de 1866.

Tenho bisto pelo jornaes que V. S. tem sido primiado en conzequença de vons retratos que tira e por isto derigome a Vmc para me tirar como consta do apontontamento.

Eu podia aqui mandallo tirar mais coma he para minha terra para meu quirido pai que havita na freguesia de abintes parece me que quanto mais longe he tirado melhor debe ficar meu primo que he o portador do retrato lhe pagara o importe

ahi bão os apontamentos tenho 19 annos e 3 meses sou vastante alto olho azul esberdiados cabelo louro encarcollado alguã varva tamvem lourinha inda por fazer naris não muito pequeno nem grande custumo andar com calças de vrim riscado culete preto e en mangas de camisa fasso luxho en andar com a camésa bem engomada o votão

do retrato do Sr. D. Luis aos domingos voto lenco ao piscoso estenaria muito que me pintase ao valcão com ar agradabel para os freguezos e a serbilos vem, ou antão pintar-me a carteira de noute afaser os lansamentos no vorrão dos gästus do nugocio que he do que me encaregu si mi pintar ao valcão ha de ser con cara de rizo he prezizo que me pinte con um demente de menos qui mi falta diente e se for de noute não deve ezquicer de por en cima da carteira um candiero de grosina que uza o patrão

ha tempos trago uma vorvulagem por todo o corpo e por isso não sera mau uma cara com pintainhas que parcão vorvalinhas espero que V. S. qui fara uma ovra como he seu costume fasendo esta bontade não me inporta pagar mais deis mil res

Seo benerador criado

(Segue-se a assignatura do pedante.)

A PEDIDO

—Com effeito olhem que é de mais! ha coizas que a gente vê e não tem remedio sinão fallar.

—Pois o bom é ver, ouvir e calar.

—Mas capitão, não posso, senão arrebeno.

—Então desembuche-se.

—Aquelle negro que *não faz barba nem mora defronte do convento na rua que não é do Carmo* é um grande atrevido

—Porque?

—Por que tem aquella caza so para os frades pregarem immoralidades e praticarem actos indecorosos; pois o tal mestre tudo consente por que ja foi de la. Assim é preciso corrigil-o para que elle não faça da casa de seu trabalho um lupanar de orgias e infamias como costuma praticar, consentindo até que os taes frades limpem-se depois do trabalho assiduo nas toalhas onde elle limpa as barbas dos freguezes!!!!

—Forte desaforo de negro!

Muxingueiro vae pegar aquelle safado e dá ao Francisco ou ao José para

impurrar-lhe 400 por conta para ver sise corrige,

Do contrario lhe decuplarei a dos^o e mandal-o-hei atirar a algum ribeiro.

MOTTE.

*Os olhos desta mulata
São brilhantes lapidados.*

GLOSA.

Meu Deus, este olhar me mata!

Que vivo, estranho fulgor!

Ai! são espadas de amor

Os olhos desta mulata!

Seu quebrado arrebatá,

São divinos seus piscados,

Seus brilhantes são roubados

Aos fogos celestiaes....

Taes olhos não são mortaes...

São brilhantes lapidados.

—Capitão, tenho o que lhe contar.

—O que foi?

—Ha na rua que tem carvão um ferreiro, que dá-se com um inspector, tem um filho, que por ser bem educado anda pela rua a brigar com os outros com consentimento do mesmo; jogando pedradas pelos telhados dando lucro aos proprietarios, em fim com palavras offensivas, não respeita as familias, quando vae-se queixar ao pae este diz que não faz mal.

—Então é preciso o muxingueiro ajustar com elle contas.

Muxingueiro.

—Prompto.

—Vae na caza do Sr. José e diz ao ferreiro que aprompte-se para soffrer a pena.

Leve um arxote e um pouco de aguarás e a taca, queime aquelle cavaubaque, e arrume-lhe por conta até que elle tome juizo o ensine ao filho para não ser descarado.

—Capitão, elle pede pelas armas da sua officina.

—Por esta vez não tem perdão.

Poesia

*dedicada a uma atriz que longe da scen
na desmaia.*

Não desanimes, atriz,

Não andes tão cabisbaixa!...

Si tens na vida uma racha
Que te falta a ser feliz?...
Si bem como a parariz,
Tu tens *matta* para voar...
Que importa que sem luar
Seja a cor do tal rafeiro;
Si viveu no captivoiro
Ja tratou de se forrar.

Não podeste resistir...
E meteste o pé no laço
Que tendo verga de casso
Bastou para te illudir...
Por la buscaste fruir
Antigos gosos de Roma...
Vai tomar caldos de gomma
De raiz de mandioca...
Si ti agarras a taboca
Verás cousas de Mafoma!

Tu bem sabes que Mané
Si falla como bisouro
Tem paciencia de touro,
E na novilha tem fé:
Ora, as cousas neste pé
P'ra que te has de massar?
Ao contrario sustenta
Deves o cujo na tela
Da vacca, o mais é peta....
E o viver é gosar.

Bem diz o Justiniano
Que sem goso a vida é pecca
Por isso de ama secca
Elle serve muito ufano! ...,
Tomando de anno em anno
De leite o resto, o souro
Não acredita no goro,
Que está constante a soffrer,
E neste seu padecer
So tem por collega o touro!

Olympio valha a verdade
Dizem tambem que canta
De gallo, e se me espanta
Que seja realidade,
O Neiva com magestade
Assestindo a tal folgança
Sem poder entrar na dança,
Pucha badalos de sino
E diz—si eu sou menino
Mostro aqui minha mestrança.

Prosegue atriz, tua fama
Vence de Nize a historia,
De *Lucrecia* apaga a gloria,

Ciumes a *Dido* enflama;
Messalina ja reclama
Contra essa usurpação!..
Tao grande revolução
Ja que soubeste plantar
Não deves desanimar!...
O dalisca sem sultão

O Antunes.

Sr. Spinola tome sentido no seu ca-
xeiro que o tempo que hade aviar os
freguezes recosta-se sobre o balcão a
namorar uma menina de defronte.

O Manuel Alves.

ANNUNCIOS.

ESCRAVO FUGIDO.

Fugiu desde 9 de junho do corrente
do poder do abaixo assignado, o seu es-
cravo africano, de nação nagô, de no-
me Fiel, estatura regular, magro, tem
no rosto signaes de sua terra, tem os
dentes da frente podres, costuma be-
ber caxaca com excesso a ponto de dor-
mir em qualquer lugar; quem o pren-
der e o levar ao Caes Dourado caza n.º
54 receberá 20\$000 de gratificação.

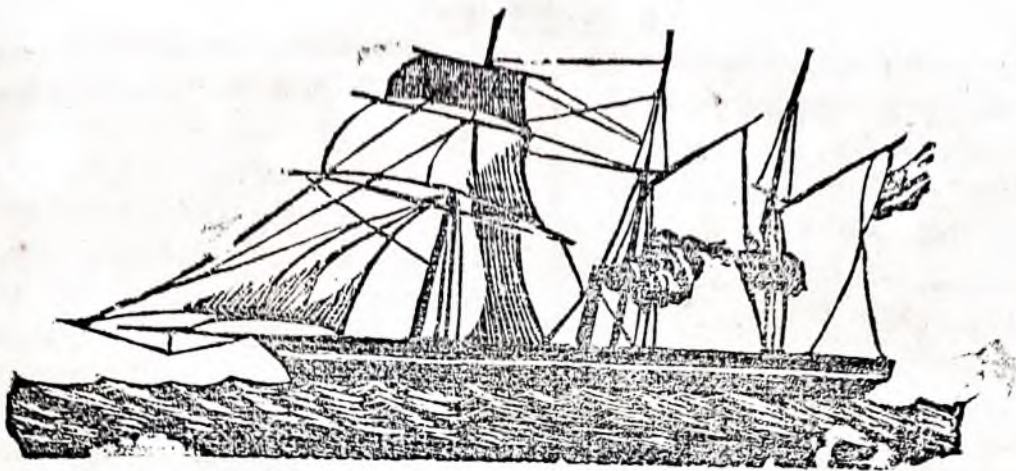
Este preto tem sido visto no Sangra-
douro, Cabula, Matatú; foi do Sr. Anto-
nio Joaquim Freire de Carvalho e
Albuquerque do engenho das Brotas
termo de Santo Amaro.

José Machado Guimarães.

Anda fugida uma crioula alta, bem
parecida, pretinha, cara comprida, co-
nhecida geralmente por Chica Mata-
fome, quando seu verdadeiro nome é
Chica da Silva Maria; tem sido vista
nas ruas dos Ourives, Poeira e imme-
dições; quem a prender e levar a
Felicidade Vovó para certos ajustes ou
ao Bernardo, será gratificado com uma
peça de chita Tamandaré, que dá seu
senhor o Mandú e que se achia deposi-
tada em mão do Martinho bem como
350 rs. em dinheiro.

Na rua Direita da Misericórdia, n.º
21, 2.º andar, recebe-se roupa para
engommar com aceio e promptidão.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

21 DE JULHO DE 1866.

SERIE 8^a—N.º 76

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicaçõ-s. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de julho de 1866.

Officio ao Illm Sr commandante do 3º batalhão da guarda nacional, dizendo-lhe que os guardas do seu commando commeteram alguns abusos nas noites de 17 e 18 prendendo pessoas que nunca foram guardas nacionaes e obrigando-os a ir passar a noite no quartel.

Espera se que S. S. á vista da razão que assiste a esta reclamação empregará meios para que não se reproduzam taes factos.

—Sabe me dizer si o academico Manuel Ignacio Lisboa ainda é pharmaceutico do exercito?

—Creio que sim; tanto que no mez de junho foi chamado á corte.

—Justamente, e deixou de seguir por estar embaraçado em certo negocio do hospital militar.

—E o que ha de novo?

—Vi o nome d'elle como um dos contratados para marchar para o Sul.

Desejava saber si o Sr. Leão Velloso podia fazer isso.

—Si não pudesse não fazia.

—Porém é abuso; por ventura não está esse pharmaceutico sujeito ao mi-

nisterio da guerra? e para fazel-o marchar é preciso que seja contractado? quem lhe concedeu licença para contractar-se?

Não é isso vontade do desperdiçar dinheiro?

Ou S. Ex. quiz fazer favores com o que não é seu?

—E eu achava melhor que o Sr. cuidasse n'outra cousa.

—Estão na ordem do dia os excessos do recrutamento!

—O povo está aterrado!

—Os guardas nacionaes de todos os batalhões commettem excessos e desregramentos!

—Prendem sem distincção, e o que é mais, a prisão é acompanhada de ultrages e grosserias.

—Não admittem a menor observação; si o escravo pede para o levarem a casa de seu senhor, não attendem.

—E quem authorisa taes abusos?

—Não sei; propalam que vae se tirar contingente da guarda nacional; os guardas para salvarem sua testada seguem o adagio—si hei de ir eu va meu pae que é mais velho—e vão seguindo.

—E eu lhes acho razão. Apesar de que me disseram que o recrutamento é para voluntarios.

A PEDIDO

HONRA A' BRIOSA SOCIEDADE INSTI- TUTO DRAMATICO.

Na terça feira 24 do corrente pretendem alguns moços da sociedade Instituto Dramatico offerecer um espectáculo no theatro de S. João, e com seu producto levantarem um mausoleu em Pirajá, para serem encerrados os restos mortaes do 1.º bravo voluntario da patria tenente coronel Galvão.

A lembrança é digna de ser apreciada por todos os brasileiros.

O theatro prepara-se com todo luxo, e consta-nos que em um dos salões haverá um trophéu em lembrança aos feitos do finado tenente coronel.

O espectáculo é todo variado e representado por estes moços que se tornam sempre dignos de todos os elogios.

Honra pois a estes briosos moços que fazem parte desta digna sociedade.

Casal padre Alexandre.

IX.

No nosso ultimo artigo, o illustrado publico viu estampada a imparcial e recta sentença do Sr. Dr. Juiz provedor, dada no dia 10 de junho do presente; embargou o Sr. Amorim Falcão a esta sentença; porém o Sr. Dr. Magalhães Castro, que não dá entrada a chicana, nem a causas capciosas, desprezou os embargos com a seguinte sentença: *Sem embargos dos embargos que não recebo por sua materia já discutida e sufficientemente esclarecida; subsista a sentença embargada, pagas as custas pelo embargante. Bahia 3 de junho de 1866.—Antonio Joaquim de Magalhães Castro.*

Appellou da sentença para a Relação; incontinenti nós mandamos intimar-o para preparar e atempar a appellação.

No Sr. Amorim a protervia sobe de ponto, que escondera-se do official de justiça por mais de duas vezes, indo este à caça de morada, na Matança, disseram-lhe lá que o Sr. Amorim estava no Mar-Grande, sabendo o official de justiça que era uma mentira, ficou de sobre-avizo, até que o encontrou; quando ia à casa de trabalho achava a porta aberta, nada do Sr. Amorim, escondia-se no Mar-Grande da vizinhança.

Attenda bem o publico para o pundonor

do mesmo, não satisfeito de tudo, quanto tem feito occulta-se para não receber as intimações, afim de que a causa prolongue-se, é muito cynismo querer que um inventario de 16 annos perdue mais por meio de vistas, de embargos, de appellações de aggravos e finalmente oh! vergonha! do escondimento de sua propria pessoa, surtando-se aos requisitos, que a lei pede.

Os habilitados.

—Capitão, Rei dos moleques está em scena!

—Irta!

—Outro dia ia elle em uma cadeira pelo Noviciado, ao chegar no gazometro defronte da venda do *Constantinho* apeou-se e não pagou aos pretos, dizendo que pagava no outro dia. Os pretos não estiveram por isto e emperrearam. Rei dos moleques quiz escafeder-se; porém um dos pretos agarrou-lhe na aba do paletot, Rei dos moleques vendo-se fisgado, quiz safar-se das garras do preto; forcejou, empurrou o negro, pois este estava decidido a não largar Rei dos moleques sem ver o cobre. Salú fez nova tentativa para safar-se, empurra o negro e ameaça-o; baldado esforço! O negro ameaça tambem Rei dos moleques.

—Que miseria!

—Vendo isso o Sr. *Constantinho* sahe para a rua com o seu calatau e quer obrigar o preto a soltar Rei dos moleques.

—Tão mal fez elle nisso.

—Escute: Rei dos moleques com o maior cynismo e descarração disse ao homem que não se mettesse n'aquillo por que o preto era de casa!

—Que safadol que sevandija!

—Não é a primeira vez; um moleque *Florencinho* de casa delle por poucas que esfrega-lhe as bitaculas.

—Um homem como este não devia existir!

—Eu acho que a mesma morte tem nojo delle.

—Aquillo tem tudo ruim com sigo.

—Vai mais um caso delle que me contaram.

No *trem bellico* existia o quartel dos artificiaes e os soldados costumavam

alli jogar. Rei dos moleques ia jogar no meio delles. O jogo era uma especie de banca na qual quem tinha o o az de copas ganhava as paradas; quando lhe cabia por sorte, Rei dos moleques dava o az de copas aos soldados por qualquer cousa e deixava de ganhar todas as paradas.

—La isso de jogo não intendo.

—Tambem fazia suas bixinhas sem ser em tempo de S João e os moleques davam-lhe pateadas e vaias quando o viam com semelhantes coisas atarracadas na mão, pelo que ficon sendo chamado Rei dos moleques,

—Sabe que escapei agora de morrer?

—Como?

—Passava pelo Maciel de cima quando terceiro andar do sobrado n.º 34 despencou-se o peitoril da janella, foi a saccada do 1.º e veiu cabir tres passos distante de mim.

—Que graça!

—Ha ahi alguma cousa de pouco cuidado.

LADRÃO.

Porque não pagas o jornal a quem trabalha?

Não sabes que é isso um preccito divino, e sua contravenção um dos peccados que bradam ao *ceo*?

Por que não procuras indemnisar o procurador que te deu ganho da cousa?

He por que além de ingrato és um irreligioso e trataute.

(Continúa)

O Vigilante.

—So assim pode se comer gallinha de graça!

É é um sacerdote, um ministro da religião que comette uma baixeza destas!

—Esfriei o sangue, Sr.

—Fico fora de mim quando vejo certas acções ridiculas, praticadas principalmente por quem não as deve praticar.

—Conte-me la o motivo de sua zanga.

—Um sacerdote mandou por um seu escravo comprar uma gallinha para

comer. O preto foi a uma mulher moradora na rua dos *Mercadores de rezes*, que cria gallinha, escolheu uma e levou a em confiança para ver si agradava a seu senhor coadjutor.

Sabe o que fez o salabardote? disse que aquella gallinha era sua e que lhe tinha sido furtada ha trez mezes, e ficou-se com ella.

A mulher foi ao padre e pediu-lhe até por *Santo Antonio* que lhe desse a gallinha, mas foi o reverendo impassivel.

—Sua alma sua palma Dizem que quem furta gallinha cada penna desta é um tormento que passa no inferno; si o padre roubou a gallinha da mulher la pagará seu peccado.

—Adeus, Sra. Quiabo duro.

—Sinhô, com quem é isso? V. não se assumpta não?

—Não sabia que dava o cavaco.

Julguei que so se zangava quando a chamavam *Cutia ligeira*.

—Sinhô se enxergue.

—Adeus, Sra. Maria Felippa.

A como vende a farinha?

—Não tenho farinha para vender.

—Então é para dai?

—Não sei, vá adiente.

—Ora diga sempre a como vende a farinha.

—Não vendo a certa gente!

—Então a quem vende a negros?

—.....

—Não responde; a brancos?

—E', e faço muito bem.

—Ora preta vae te lavar.

—Lavada ando eu sempre. Em quanto tiver por mim meu yoyo, não olho p'ra calageste.

—Tem razão, acho justo. Vou comprar minha farinha adiante.

—Faça isto e diga que eu lhe engano.

—Desgraça de nossa terra... uma preta tem desdoiro de que um de côr parda lhe falle!

Previne-se á Sra. Joaquina Carade-todos os bichos, moradora na rua da *Campbellas* em casa de um marceneiro, que cuida em sua vida e deixa

de metter-se com a dos outros, enredando toda vizinhança, si continuar, depois da competente queixa ao subdelegado, irá para o porão do *Alabama*.

A' memoria

Do bravo 1.º tenente da armada brasileira Antonio Carlos de Mariz e Barros, morto no combate de Itapirú.

Era moço e valente. Dentro d'alma
Vibravam-lhe as sublimes emoções.
No seu peito braões de verde palma
Diziam d'alta gloria as ovacões!
As lendas de heroi mo, a valentia
Seu porvir d'esperança traduzia;
A Patria sua imagem sonhadora
Exaltava-lhe a mente — elle s'erguia
E no centro da lucta abrazadora
Zombava do inimigo, e a soccorria!
Foi ante essas muralhas memoraveis
De Paysandú, cuspida, escarnecida,
Qu' em feitos de bravura perdurav'is
Ergueu a nossa honra e a nossa vida!
—Era embalde vencel-o; a chuva ardente
De balas e fuzis, humildemente
Seu vulto respeitava.—Era um gigante,
Na peleja medonha e enfumaçada
Ao soar dos clarins, da bala errante
A frente além se via illuminada!
Seu nome se cubriu de immensa gloria
A' voz febril das ondas populares;
A Patria lhe sorriu, e a nossa historia
Foi gravado nos louros seculares!
Mas la nesse covil—covil immundo
D'infame paragnayo—à luz do mundo
Praticam-se nefandas tropelias!
—E'a que o vil *Solano* engendra o crime;
Qu' em furia s'arremessa em correrias,
Deshonrando a virtude tão sublime!
Foi la *Mariz e Barros*—la bem perto,
Onde cruzam pellourcos e a metralha!
De vencer, ou morrer era bem certo:
Oh! que espectáculo! horrivel batalha!
—Nossas tropas affrontam mil bombardas...
Accommettem medonhas espingardas;
Tolda o ar a fumaça, treme a terra,
Aos trovões infernaes rolam soldados,
O sangue serpentea o chão da guerra,
E os nossos batalhões soltam mil brados!
Victoria! Gritam todos contemplando
O destróços, que ao longe divisavam...
De repente porem foi se gelando
O sangue desses bravos, que se amavam!
—Uma estrella de luz, que aqui se via
Foi aos poucos morrendo... e se sumia!
—Era o bravo *Mariz*, que se lia

Entre as lucidas pompas da victoria:
Se um ail elle gemeu e suspirava
Foi só a sua Patria e a sua Gloria!

No momento sinistro em que s'espraia
A vista moribunda, em que um adeus
Esflora nossos labios e desmaia,
A imagem da familia foi seu Deus!
—De seu Pae se lembrou e consagrava
Um laurel, que na frente lhe restava.
Leis eternas!—O genio busca os ares,
Vae aos ceus hombraear co'a tempestade,
Beija o sol, e só ama desses mares
Os grandes turbilhões—a Eternidade!
Paranáguá 8 de maio de 1866.

Er. João Antonio de Barros Junior.

ANNUNCIOS.

ESCRAVO FUGIDO.

Fugiu desde 9 de junho do corrente do poder do abaixo assignado o seu escravo africano, de nação nagô, de nome Fiel, estatura regular, magro, tem no rosto signaes de sua terra, tem os dentes da frente podres, costuma beber caxaca com excesso a ponto de dormir em qualquer lugar; quem o prender e o levar ao Caes Dourado caza nº 54 receberá 20\$000 de gratificação.

Este preto tem sido visto no Sangradouro, Cabula, Matatú; foi do Sr. Antonio Joaquim Freire de Carvalho e Albuquerque do engenho das Brotas termo de Santo Amaro.

José Machado Guimarães.

Atenção.

Nesta typ. vende-se os seguintes livros:
Direito Publico Brasileiro de Pimenta Bueno.—7\$000 rs.

Historia da revolução franceza.—8\$000 rs.

Casamento Civil, por Carlos Kornis de Totváradi.—5\$000 rs.

Historia da Edade media por Calogeras.—3\$000 rs.

Guia eleitoral, ultima edição 2\$000.

A Mão do Finado.—2\$000 rs.

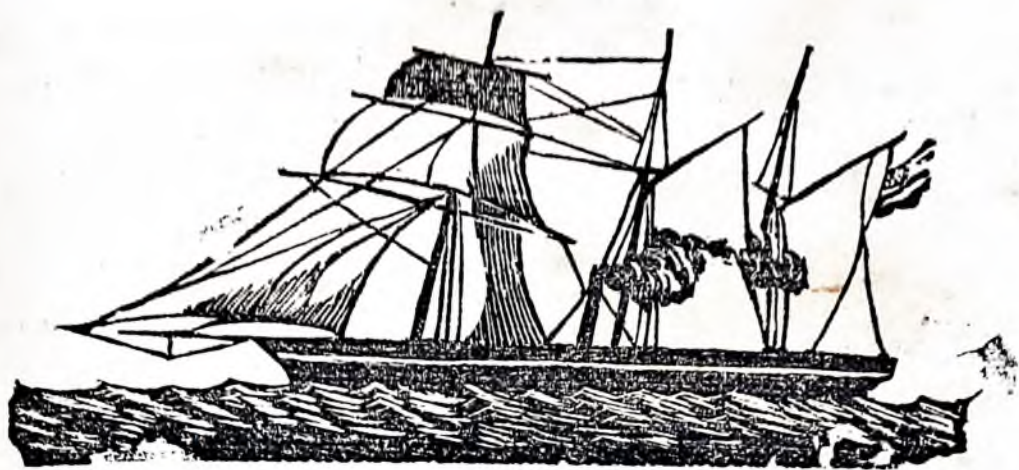
Constituição do Imperio.—1\$000.

Codigo criminal.—1\$000.

Formulario de Chernoviz, edição do corrente anno.—5\$000 rs.

Os Lusíadas de Camões.—3\$000 rs.

Constancio. Diccionario portuguez, em bom estado.—9\$000 rs



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

24 DE JULHO DE 1866.

SERIE 8.^a—N.º 77

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicação s. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de julho do 1866.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, levando ao seu conhecimento que corre por ahi o boato de um dia destes ter sido atrozmente esbofetado o soldado de policia Luiz Estacio pelo alferes Olympio, que o offendido apresentou-se a seu commandante queixando-se e mostrando as sevicias occasionadas por aquelle acto ignomioso, e que este contentou-se em mandar chamar o alferes o reprehendel-o brandamente.

S. Ex. naturalmente inimigo de arbitrariedades, mandará informar-se do caso, e fará a justiça devida.

— Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que mande trancafiar na Correcção um insolente bebado de nome Mathias que anda pela sua freguezia a proferir voz em grita palavras obscenas, a qualquer hora do dia sem importar-se que pelas janellas estejam senhoras.

— Seguiu hontem para onde lhes está acenando a gloria a brilhante constellação academica que vae nos campos

do Sul desempenhar a honrosa tarefa de que se incumbiu.

— É tambem seus distinctos mestres que com elles vão tomar parte em tão ardua missão.

— O embarque foi concorrido de pessoas de todas as classes e jerarchias.

— Deus os leve e traga a salvamento.

— Hoje ao meio dia teve logar a salva em satisfação que dá o governo dos Estados-Unidos ao nosso pela offensa feita á dignidade do Imperio pelo vapor *Wassuchet* no acto de aprisionar o *Florida*. Foi correspondida pela corveta *D. Januaria*.

— Foi muito reparado que no pau da bandeira hasteassem a bandeira americana e alli não apparecesse a nacional.

— Lembranças do capitão Fausto.

— Capitão, ha cousas que me fazem duvidar de mim mesmo.

Julgo estar sendo victima de algum pesadello.

— Alguma banalidade que espremeida, não deita um dedal de suco.

— Pelo pouco avalia-se o muito; ha factos camesinhos e de nenhum valor, que põe em evidencia a maneira porque certas cabeças se regulam.

— Mas a que vem essa historia tão comprida?

—Estou estupefacto com uma do Sr. Leão Velloso.

—Qual é?

—Mandar declarar sem effeito o contracto celebrado com os individuos Procopio Gomes de Britto e Manuel de Assumpção de Jesus, para servirem de enfermeiros nos corpos do exercito por não saberem ler e escrever!

—E que tem isso?

—Na minha humilde opinião parece uma estultice, porque si os homens se contractaram haviam de assignar o contracto, ou alguém por elles, e não havia melhor occasião de verificar-se si sabiam ler ou não.

Porque o Sr. Leão Velloso não é nenhum parvo nem doudo.

A PEDIDO

—Si eu tivesse intimidade com o Sr. major de engenheiros Aguiar pedia-lhe um favor.

—Qual era?

—Que desse andamento a obra da praça D. Izabel Era uma distracção que os moradores da freguezia da Sé tinham e da qual estão privados.

—Aventure sempre, o Sr. major Aguiar é um cavalheiro urbano e si a cousa depende d'elle estou que lhe ha de attender.

Poesia

dedicada à um artista disponivel, com letra immitativa de uma outra

Não desanimes, Dom X.,
Nem andes tão cabisbaixo,
Que, si precisas de um macho,
Em breve serás feliz,
Si, banida parariz,
Não tens p'ra onde voar,
Que importa que sem luar
Viva assim ten candieiro,
Si, estimando o captiveiro,
Não tratas de te forrar?!...

Como ao fado resistir?
Como fugir d'este laço,
Que te põem na verga o braço
A descer e a subir?
Si outros podem fruir
Antigos gozos de Roma;

Vae tomar caldos de gomma,
Com raiz de mandioca,
Bem agarrado á taboca,
Que filho ir de Sodoma!

Meu neto de D. Mané,
Começas comoro bisoure:
De manhan—flores, de touro,
De noite na m... (*tufé!*)
Ora.., as cousas n'este pé,
Ou se vence ou se arrebenta!
Teu *nobre officio* sustenta,
De vacca si não tens teta,
Teus de boi; o mais é peta;
Qualquer se pode chupar!

Maldiz o Justiniano,
Que não da-te a fructa pecca,
Nem precisa de ama secca
P'ra limpar-lhe em casa o cano!
Somente um dia do anno
Poderá ceder-se os *souros*,
Que colherás como louros
P'ra formares uma figa,
Com que adornes a barriga
De teu *preferido* touro.

E' raro; mas é verdade,
Que a gallinha tambem canta
De gallo, tal não espanta,
Pois vejo a realidade!
Teus o dom da magestade
Na *Gomorreense* folgança!
Nas snas sallas de dança
E's tu quem tocas o sino,
No *brinquedo* dos meninos
Tu teus direito à *mestrança!*

Prosegue, A. B; tua fama
Já repete a voz da historia,
Dos *filhos* apaga a gloria,
Ciumes n'elles inflama!
Ganimedes já reclama
Contra essa usurpação!
Mas esta revolução
Já que soubeste plantar,
Não debes desanimar,
Gazella, que não tens cão!...

Augusto o artista.

—Onde vae parar tanta arbitrariedade!

O cidadão nem dentro de sua casa pôde contar-se garantido.

Chama-se ao governo de Lopez despotico, e aqui commette-se quanta violencia ha em nome da authoridade!

—Tem alguma cousa nova?

—Dous guardas da Sé prenderam

no sabbado á noite á ordem do seu commandante um homem matriculado na capitania do porto, e com excusa do serviço da armada. O homem disse que ignorava que authoridade era o commandante do 1.º batalhão para ser preso á sua ordem, e mostrou a sua isenção.

Os guardas com tudo teimaram em prendel-o e o perseguiram até o largo de Santo Antonio onde o prenderam á ordem do chefe do policia; o homem ou para não dormir na Correcção ou pelo que fosse, correu e entrou n'uma casa. Um dos soldados invadiu a casa, foi até salla de jantar, d'ahi passou á cosinha, saltou nma janella, e foi ao quintal prender o homem!

—E' um abuso inaudito entrar á noite em casa do cidadão sem seu consentimento!

—E escandalos como estes commettem-se a cada hora.

E a lei é por maneira postergada a cada momen'õ!

E o povo é massacrado a todo instante!

—E assim se paga a dedicação com que se tem distinguido os bahianos na actual conjuctura!

—E amanhã o *Diario* dirá que está authorisado a declarar que não ha recrutamento, quando se authorisa os soldados a arrancar gente á noite de dentro de casa!

—Não se admire disso por que na noite de 19 na freguezia de Bretas cercaram quatro casas á uma hora, arrombaram as portas e recrutaram quem estava dentro.

AO BALBINO.

Que hade este moleque
Accostumado ind' ha pouco
A escutar o som rouco
Da correia pelo beque;
Que atado um espeque
Ande agora atrevido
Pimpando de emproado.
Em dura corda amarrado
Escapou de ser surrado,
Si não é certo pedido...
Um moleque cuja pello

Ainda não é bem forra
Anda a se metter de gorrã
Com quem está distante delle;
E não se lembra aquelle
Descarado sevandija
Quando da comida a caixa
Levava á cidade baixa
Para o senhor almoçar,
Com a cerviz cabisbaixa?

—Ha factos que não devem passar desapercibidos do publico, uma vez que quem é encarregado de velar pela vida e bem estar do povo pouco cavaco dá com isso.

—Então abra a bocca e falle.

—No sabbado p. p., vinha socega-damente para minha casa em busca do descanso de oito fatigantes horas de trabalho, quando ao chegar perto do forte de Santo Alberto veio emparelhando commigo a gondola da carreira do Bomfim. Como o logar era espaçoso procurei o lado do muro, porém o boleiro ou por malvado ou por inexperiente, quanto mais eu me achegava ao muro ia elle tomando essa mesma direcção, até que emfim não tive mais para onde desviar-me e levei um forte tombo na roda que me atirou ao chão, e para mais infelicidade embarçou-se o palitot na mesma e fui assim arrastado, cerca de dous minutos; a não serem os gritos dos passageiros hoje estaria na outra vida; e me julguei muito feliz por sahir apenas com o corpo amassado e todo arraniado, e com a roupa em pedaços.

—E agora o que quer Vm.?

—Queria que V. Ex. se dirigisse aos Srs. Ariani pedindo-lhes mais algum cuidado na escolha dos boleiros, para não se ver o publico aos desatinos de um estabanado ou á impericia de algum ignorante no officio.

—Será satisfeito; e estou certo que elles hão de attender.

(Continuação.)

—Estou de bocca aberta! O tal vigario de Matatum tem o que so lhe diga!

—V. Ex. ainda não ouviu metado,

ja se admira!

Agora anda elle atraz do seduzir uma innocente menina filha de uma pobre crioula moradora na ladeira dos Carmelitas.

Para alcançar o que deseja anda la com treitas fingindo-se camarada da mulher para melhor poder fisgar-lho a filha.

E para mais bem cabido se fazer quando está na cidade vai toda demanhan almoçar mocotó!

Faça V Ex ideia da moralidade de um padre que não se peja de ir comer em uma bodega, n'uma terra como esta onde ha tantas casas e hotéis decentes para uma pessoa de sua cathegoria.

—E' debochado na verdade.

—E' o suprasimum da descaração!

A sua predilecta Vitalina tomou para ensinar uma menina filha de um pobre homem que *trabalha em ferro*. Um dia Vitalina foi encontral-o no quintal aos *tombos* com a desgraçada menina que a esse tempo ja tinha perdido o unico e precioso bem que possuia.

Vitalina fez um berreiro dos diabos, bradou mais que o preto do leite. Nossso Rvm. desculpou se com um rapaziinho que tinha em sua companhia e a quem ensinava a ler e disse que aquillo era obra do menino, e a pretexto de que a menina estava peijada arranjou em poucos dias um casamento sem sciencia dos paes do rapaziinho, e encarregou da cerimonia a um frade mentecapto irmão de um tal *Leopoldo* que aqui houve por que elle mesmo não teve animo de se apresentar com receio do pae do menino que ficou desesperado quando soube do laço que armara o satanico padro a seu filho.

O casamento para não dar na vista foi celebrado em casa, e fazia rir ver o maluco do frade sem saber desenvolver-se e a Vitalina guiando-o no que havia de fazer

—Estou pasmado, si não fosse o Sr. que me dissesse não acreditava.

—Converse V. Ex. com qualquer habitante do lugar e si não lhe confirmar tudo quanto tenho dito, passarei pelo ente mais embusteiro deste mundo.

(Continua.)

Foi publico no arsenal de marinha que se achava á disposição dos amigos dos distinctos lentes e academicos que partiam para o theatro da guerra, um pequeno vapor para os levar a bordo ao boia fóra.

Embarcados quatro moços em um saveiro que conduzia passageiros para o tal vaporzinho, um dos quaes era irmão de um dos lentes, ao subir o vapor apparece um figurino mais ma inheiro que estudante impedindo a subida a titulo de não levarem cartão, quando ahi embarcavam todos quantos para la se dirigiam

Ora quando assim fosse, era do brio, educação de um moço civilisado, por miseraveis vintens, obstar a subida de taes moços, que talvez fossem preaccher um fim mais nobre do que o delle?

Era melhor que o tal marinheiro se mettesse em uma casa cabisbaixo do vergonha por não imitar a seus nobres companheiros do que commetter acto ão reprovado por todos quantos presenciaram essa falta de educação.

LADRÃO.

Porque não pagas ao procurador que te deu ganho da couza? Lê a Doutrina Christan, e verás explicada toda a vida de São L. e São A. que andaram pelo mundo vendendo rendas, e quando cansavam da jornada iam aposentar-se defronte de um morgado e darem graças a virgem Santa Barbara.

{(Continúa.)

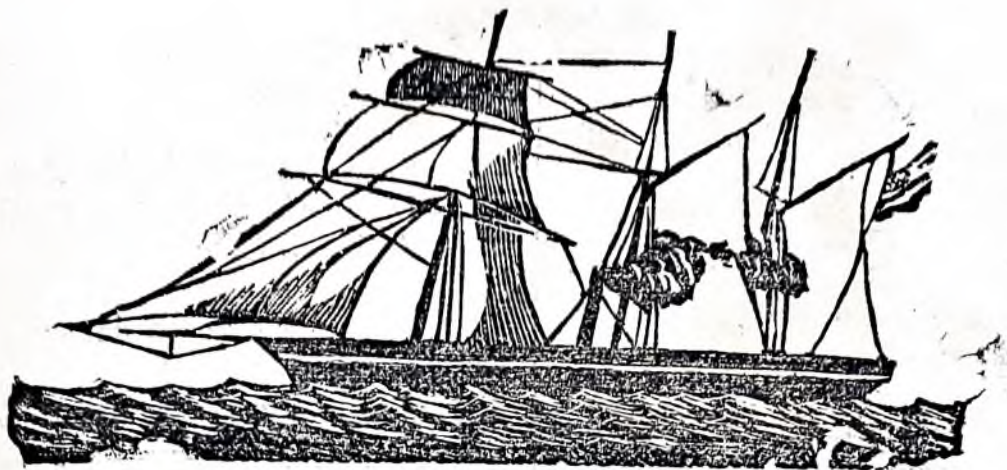
O Vigilante.

ANNUNCIOS.

ESCRAVO FUGIDO.

Fugiu desde 9 de junho do corrente do poder do abaixo assignado, o seu escravo africano, de nação nagô, de nome Fiel, estatura regular, magro, tem no rosto signaes de sua terra, tem os dentes da frente podres, costuma beber caxaca com excesso a ponto de dormir em qualquer lugar; quem o prender e o levar ao Caes Dourado eaza n.º 54 receberá 20\$000 de gratificação.

José Machado Guimarães.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

26 DE JULHO DE 1866.

SERIE 8.^a—N.º 78

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1.º rs. por series de 10 numeros, ou 5.º rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicaçõs. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de julho de 1866.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação, pedindo-lhe que empregue os meios a seu alcance para que a maior parte dos lampeões na freguezia de Santo Antonio não sejam apagados antes de quatro horas, parecendo isso um proposito da companhia em mangar com os moradores daquella freguezia.

Si S. S. quizer se dignar dar um passeio pela madrugada, verificará com seus proprios olhos o que aqui fica dito.

—O *Diario* diz que não ha recrutamento.

—Veja aqui a mostra do panno:

«Presidencia da provincia, —expediente do dia 18.—Ao coronel commandante das armas communicando que por despacho desta data, foi concedido ao *recrutado* Francisco Alves Ferreira o prazo de 15 dias para provar a isempção que allega etc. etc.»

«Requerimentos despachados—dia 16—Lino Rodrigues da Luz; pedindo um prazo para provar sua isempção.—Idem.

Henriqueta Maria da Concoição; pe-

dindo um prazo para provar a isempção que tem a sua cria de nome João de Lima Rocha—Concedo o prazo de 8 dias.

Manuel de Oliveira Figueiredo; pedindo baixa do serviço militar—Não tem lugar, visto não constituir o que allega isempção legal.

Macario Geraldo de Farias; pedindo um prazo para provar a isempção que tem do recrutamento seu sobrinho Anastacio José Damasio — Concedo o praso de 8 dias.

«Repartição da policia—Extracto da parte do dia 9.—Na freguezia de Santo Antonio, pela subdelegacia do 2.º districto, foi preso Gonsalo Paulo Alimite, pardo, *sapateiro, vadio*, para ter conveniente destino.

Dia 15.—Na freguezia de S. Pedro, á ordem do respectivo subdelegado, João de Santa Rosa de Lima, crioulo, *barbeiro* para ter conveniente destino.

Dia 16 —Na Rua do Paço, foram presos Suterio Augusto Candido de Jesus, pardo, *carroceiro*, Hylario Joaquim Lopes, crioulo, *marceneiro*, Manuel cabra, *que se diz escravo*, todos para terem conveniente destino.

Dia 17.—A' disposição da policia foi preso Anastacio José Damasio, crioulo, *carpinteiro*, para ter conveniente destino.

Na freguezia do Pilar, Manuel Jero-
nimo Pereira, pardo, *funileiro* para
ter conveniente destino.

— Capitão, quer ouvir um facto da
mais requintada arbitrariedade?

— Porque não?

— Acabo de chegar de Nazareth on-
de foi elle acontecido e do qual fui
testemunha occular.

Foi recrutado em occasião em que
vinha trazer ao mercado productos de
sua industria da lavoura Manuel Fer-
reira da Costa, guarda nacional do ba-
talhão 109 e foi trancafiado na cadeia
apezar de tudo quanto allegou em seu
favor. Alli esteve alguns dias, até que
se resolveram a embarcal-o para a ca-
pital. O preso tinha mandado vir o
seu uniforme de guarda nacional, e
na occasião de embarcar vestiu-o.

Ordenaram-lhe os satrapas da terra
que despisse aquelle uniforme, e como
o homem não quizesse satisfazer a tão
desordenada intimação, mandaram com
uma navalha rasgar-lhe a farda no
corpo, tomaram-lhe o bonet e então foi
escoltado em mangas de camisa para
o vapor que acaba de chegar a este
porto.

Que diz V. Ex. a isto?

— Que assim como isso é tudo mais.

— O theatro está em crise. Faltas de
dinheiro. Os empregados estão as es-
curas.

— Ha quem duvido que a empreza
dê cabo da missão.

— Eu sei la!

— Até o criado do Sr. Leão Velloso
não escapou do recrutamento! Foi se-
guro hontem a noite.

— Mas com este o negocio se fiou
mais fino; o sujeito veio se fazendo de
móca e quando chegou na porta de pa-
lacio cabiu dentro e de la passou uma
tremenda desandadeira nos recrutado-
res, ajudado dos ordenanças de S. Ex.

— E com effeito é grande atrevimen-
to dos taes soldados: recrutar o criado
de S. Ex.!

— Aspirantel

— Prompto

— Sabe o *Recreio da Mocidade*?

— É uma taverna no Rosario de
João de Pereira.

— Justamente

Informam-me que o dono dessa ta-
verna reune nella todas as noites im-
mensidade de pessoas apreciadoras da
boa pinga; que as quaes á força de
muito provar e examinar a melhor
qualidade do secco da uva, ficam com
os miolos esquentados e dão para gri-
tar e cantarolar indistinctamente; o que
faz com que quem mora por alli não
possa pregar olhos até as duas da noite,
hora em que se retira o grupo.

E é preciso acabar com isso.

— E o que ordena V. Ex.?

— Que procure o dono dessa taverna
e lhe faça sentir isso.

Será obedecido.

— Que a continuar, uma vez que não
ha fiscal nem authoridade que veja,
mandar-se-ha um personagem ca do
bordo, muito respeitado intender-se
com elle.

VARIETADIE.

OS FOLGASÕES DA MONTANHA.

ROMANCE DO DR. TAPIOCA.

I.

Houve ha algum tempo, na cidade do
Rio de Janeiro, um tivolý, situado no cam-
po de Santa Anna, creio eu: entre os sal-
timbaucos que formavam a caricata com-
panhia, distinguia-se uma linda menina de
onze para doze annos, esperta como o
azougue, tendo uma perna bem feita, pé
pequeno e cheio, anca baleada, cab llos
castanhos, olhos pardos, cujas retinas insi-
nuantes, de combinação com as dilatadas
narinas, já annunciavam grande propensão
para essa vida de sensações vivas e ardentes.

Si em um dançado *Jesunai* (assim cha-
mava se a menina) arrebatava já pelas pos-
turas hesitantes, já pelo arregaño, causava
pasmos quando fóra do tablado servia aos
freguezes..... no botiquim, do qual er-
caixeiro. Não tardou que acobertada pela
protecção dos que amam o que é bom, fos-
se admittida em um theatrinho de ordem
muito inferior, é verdade; mas sempre me-

lhor que um tivolý, sempre mais decente que uma hodega; era a sorte que dava-lhe o seu primeiro sorriso!...

Os mais desenvoltos e precoces desejos porém obrigaram a que *Jesunai*, d'esde logo se inclinasse a um seu collega, que sem importancia, sendo até bastante *escuro*, tinha com tudo um nome bastante lindo, o de *Celestino*.

Destra em certos manejos, com tudo, justiça seja feita, guardava ainda o *pomo*, com o qual mimoseou ao *cabrinha*!....

Seus protectores que esperavam a mesma recompensa, vendo assim barulha as esperanças, arrefeceram; e láo foi-se resumindo o circulo dos adoradores, por verem a deusa pronunciar-se abertamente pela *cores escuras*.

Um travesso estudante porém, foi pertinaz, e no fim de 15 ou 20 dias tomava de assalto a *celeste* propriedade: nem se admire o leitor do pouco tempo que durou o endeusado imperio *Jesunai* ouvindo muita vez repetir-se o dito de Horacio — A variedade deleita, — tinha jurado tomal-o por divisa: engolfada nessa nova fonte de prazeres, esqueu completamente o seu primeiro amante, que moça inxxperiente se tinha deixado arrebatado nas azas de doces illusões, acreditando encontrar sinceridade, no aqueducto do cynismo, quando se viu só e trahido, soffreu tão profundo golpe, que o prostrou mortalmente no leito das agonias; e ah! sorrendo galle a galle a morte na taça do despreso, suportando as convulsivas angustias do ciúme, via-se escarnecido por aquella que o abandonou, e que com um gargalhar satânico e escuro aplaudia o seu triumpho!

Foi um soffrer pungente! foi uma morte horrivel!

Por um requinte de cynismo, *Jesunai*, quando escentou o ultimo soluçar dorido, quando ouviu e capar-se dos labios da sua victima—o suspiro angustioso que revelava o poema da morte, o carne da extensão, apresenta—e á cabeceira do moribundo ella se sacia em escutar os ultimos arrancos, daquelle que morrendo por seu despreso d'ella, dava-lhe com sua morte o diploma do poder de sua belleza!

Derepente impallidece...os labios esbranquiçados lhe tremem....quem a visse assim diria que o arrependimento a tocara....mas não, não era uma preece, era uma imprecação! não era o remorso, era uma blasfemia!.... por fim um riso livido como o

cadaver lhe assoma nos labios, e bem como esses profanadores dos jazigos dos mortos, elle desrespeita o silencio solemne que assiste a passagem para a eternidade!

Obrigada! disse ella: obrigada! morreste por que te despresei, lavraste assim o attestado do meu poder!...o mundo é cheio de tollos como tu, obrigada, tu me fizeste conhecer quanto valho.

E proseguindo no seu rir infernal lentamente se retira.....encontrando seu novo amante, da-lhe um beijo ardente que o faz estremecer, diz-lhe que precisa estar só.... elle obedece....ella esta pensativa?....

Aquelle beijo teria mel, ou peçonha?.... é o que vamos saber.

(*Continúa.*)

A PEDIDO

— Vem cá birbante!

— Lembrou-se de mim?

Porém note que ja não sou quem dantes era; hoje sou *alferes*.

— Ja sei que não lavas mais os cavallos de teu *chefe*.

Mas por que és *alferes* não deixas deser teu de *policia* Ora dize-me frascario, para que havias de te valer da posição que indignamente occupas para ultrajar e desfetejar um pobre homem, talvez com mais brio na sola dos pés do que tu na cara?

Por que razão havias de esbofetejar o pobre homem.

Tu ja não estiveste em condições mais baixas do que elle, por que só servias para lavar e tratar dos cavallos, unica condição de que te achavam digno?

— Quero saber quem sou e não quem fui.

— E fiado nisso, canalha, tens o arrojo de abusar de tua authoridade para aviltar e massacrar um infeliz sem protecção, nesta terra onde somente são protegidos os rufames e bandalhos como tu.

— Sr. basta de sermião, deixe-me que vou visitar o *Olympio*.

Devias ir antes para o *Engenho da Conceição*.

— Certas authoridades só servem para atropellar o povo, e commetter

em nome da lei os actos da mais nefanda selvageria quando assim convém a seus interesses particulares. Valem-se do character official para cevarem vinganças pequeninas e odiosidades mesquinhas!

—E rara vez não é o fraco quem caro paga a desforra que não pode o mandão tirar com o forte!

—Esta Latronopolis rola por um despenbadeiro de abusos, e vae afundar-se no abysmo da corrupção e demoralisação.

Ajuize pelo seguinte facto:

Ha na freguezia das *Grutas* um homem proprietario da fazenda *Engenho Idoso*, o qual tens alguns rendeiros.

Na noite do Precursor, ordenou a seus escravos que fizessem na fazenda uma fogneira para se divertirem, com tanto que d'alli não sahissem.

E' preciso advertir que a fazenda é toda cercada.

O subdelegado do lugar que tem seus queixumes do proprietario, quando foi alta noite apresentou-se cambaleando, com uma bengala de *Sebastião* d'arruda com castão em forma de *Cruz* acompanhado de um sujeito que dizia seu ordenança, e que se chamava *Mello* a querer tomar um pandeiro com que os escravos se divertiam. Os escravos foram acordar o senhor que ja dormia, e esto fez ver ao subdelegado que não admittia a entrada d'elle em sua propriedade áquella hora sem seu consentimento, que seus escravos estavam alli por sua ordem e que se haviam de sahir para serem presos, estavam se divertindo em sua casa.

O subdelegado que ja tinha talvez entornado no bucho suas duas ou trez botelhas de genebra, por que é apolo-gista da cousa, e que foi alli somente para satisfazer um capricho, impellido ainda mais pela força do alchool tornou-se pertinaz e disse quanta asneira lhe veiu a pesada cabeça; ameaçou com processos e prisões, mas como aquillo não era d'elle, supportou-o até que elle retiron se.

—Obrou com prudencia.

—Mas capitão o tal sujeito é daquel-

les bebados, que tem atilada reminiscencia.

—Na Lebedeira destes não acredito, são atrevidos e insolentes que se emborracham para dizerem e commetterem seus desaforos com desculpa.

—Deixou passar dias, e uma noite destas reuniu alguns reus de policia e peitos-largos que lhe fazem roda e foi ao *Engenho Novo* e cercou as casas dos rendeiros que alli moram, arrombou as portas, quebrou as janellas, entrou, não respeitou nem o leito conjugal, nem o quarto da donzella, foi arrancar de cima de suas camas pobres trabalhadores da lavoura, que descansavam áquella hora do incessante trabalho do dia; homens que apesar de pobres são talvez mais honrados do que muita authoridade caricata, stupida e nefaria, por que regam a terra com o suor de seurosto para viverem honestamente.

—E esses actos de feroz prepotencia vem de cima, meu charo, não admira nada que um subdelegado arrombe uua casa a meia noite e tire quem nella estiver dentro.

—Si dissesse que era algum criminoso, ainda passaria.

—O Sr. ha de ver que elle ha de continuar no exercicio para commetter maiores e mais reprovados excessos.

Apesar de que eu confin muito na integridade do chefe de policia.

—Um official aquartellado pode ausentar-se da cidade por diez ou quatro dias?

—Que sussurro é aquelle?

—São dous officiaes que altercam e desafiam-se

—Pois em frente da parada!

—E com o ajudante do general presente!

—Homem, repare, parece cousa que elles querem se atracar

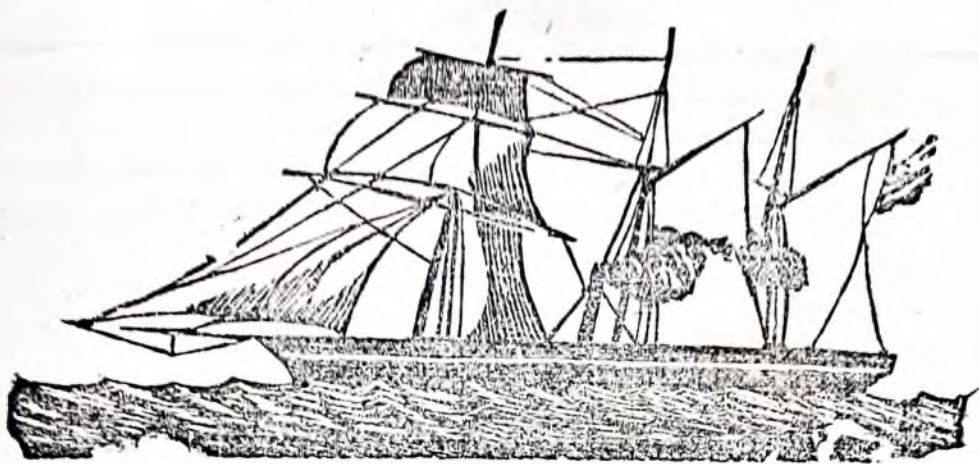
—E la se atracaram!

—Velha-me Sant'Anna!

Que exemplos para os soldados!

ANNUNCIOS.

Na rua Direita da Misericordia, n.º 21, 2.º andar, recebe-se roupa para engommar com accio e promptidão.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

28 DE JULHO DE 1866.

SERIE 8.^a—N.º 79

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de julho de 1866.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que continúa a affrontar a decencia publica com suas palavradas o beberrote Mathias; um dia destes teve a sem ceremonia de arrear as calças no meio da rua para satisfazer uma necessidade corporal.

—Os cortadores de carne excogitaram mais uma para roubar o povo.

Agora tem elles constantemente uma faca em baixo da concha da balança que leva o peso. No acto de deitar a carne na balança batem com uma ligeireza inaperecível no cabo da faca, a qual suspende a concha, parecendo que é o peso da carne; tiram pressurosos esta da balança e a dão por pesada.

—E a graça é que os fiscaes estando mortos e vivos nos açougues ainda não deram por isso.

—E o Sr. Leão Velloso no seu regulamento monstro que fez tanta couza não se lembrou de estebelecer uma medida que abrigasse o povo de semelhante rapinagem.

—Em casos como este é que a auctoridade deve empregar toda energia para fazer respeitar o seu caracter official, e para que sejam atacadas e obedidas as ordens legaes della emanadas.

—Qual é elle?

—Não vê como está aquelle sujeito *coroadado* com cara de laranja *azedada* a blaterar contra o delegado por haver affixado editaes no theatro prohibindo que se fume nos corredores e salões como manda o Regulamento do mesmo, e dizendo que os ha de rasgar todos?

—Do dizer para o fazer vae muito; o homem está exaltado; deixe-o.

—E o mau exemplo que va pegando.

—Dizem que de certos dias para cá tem havido toda reserva no recrutamento, a ponto de não se publicar mais os nomes dos recrutados.

—Acho bem, acho bom...Nada de publicidade a certos actos.

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da cidade ao compadre da roça.

Compadre do coração.—
Como passa esta vida?
Os meninos como vão,
E a comadre querida?

Isto por ca do venturas,
E' rio sem paradeiro.
N'algibeira do quem tem
Não ha falta de dinheiro.

Nosso estado sanitario
Dizem que é excellente;
Todos gosam de saude,
Excepto quem está doente.

Estou cheio como um ovo!
E é preciso brotar! . . .
P'ra pôr em sua presença
Tenho coisas de espantar

P'ra não ficar indigesto
Com tanta cousa que guardo,
Vou despejar sem preambulos
De novidades o fardo.

— Anda aqui por entre o povo
A meia voz, um falacio
Que a pouco um ministro nosso
Comprou um rico palacio.

Mil e tantos contos deu
Pela soberba morada!
E' mesmo uma habitação
Propria para gente honrada! . . .

Veja V., meu compadre,
No seu mister de rocciro,
Quando hade em sua vida
Ajuntar tanto dinheiro!

— Temos presidente novo
Que ainda ca não chegou!
No meu ver o minisierio
Com o Velloso mangou.

Da Bahia ir p'ra o Pará
E' p'ra *amuar*, um tal facto!
O vulgacho chama isso
De ganço passar a pato.

— Deve ir ja se preparando
Para o que produzir
Seus tomates e bringellas
Com a nação repartir.

Por que parece que breve
Temos imposto directo,
Creio até que n'assemblea
Ha sobre isso um projecto.

— Agora uma bem boa
Pexincha se offerece,
Si V. quiser a cousa
Em dous mezes enriqueco
Fios vendidos a seis contos

Cada arroba, mal pesada,
Compra o governo no Sul
P'ra o exercito e armada.

— Tambem ha um outro arranjo
Que servia p'ra nós dou :
O Sento-Sé quer comprar
Duzentos e tantos bois;

Para levar um vapor
Por esses mattos além;
Si pega a moda dos barcos
Por terra estamos bem.

Que dinheiro não ganhavamos!
Mas disso me desengano,
Pois que a vacca da conradre
Só pare uma vez no anno.

Si o touro do vigario
De bicheira não soffresse;
Podia agora vendel-o
E com algum interesse.

V. ja si pode comprar
A besta do professor;
E tambem s'aguenta carga
O burro do collecto,

— Vamos de mal a pior
Com as notícias da guerra;
Não sei si alguma caveira
De burro o negocio encerra.

Os cofres se esvasiam,
E o povo lê com magna
Q' um dia nao ha cavallos
E no outro falta agua.

Veja o deputado Brusque
N'um seu discurso o que diz;
Que ha cousas escandalosas
Denuncia elle ao paiz.

Nas forças de Porto-Alegre
Diz elle, que se arranjou,
Um contracto oneroso
Que aos cofres muito pesou.

Bolacha que no mercado
A 120 girou
A tres mil reis cada libra
Agora se contractou.

Fumo que a oito mil reis
Cada arroba custava
Cento e vinte ao Estado
Se usurpando estava.

Custa noventa noventa e seis bagos
Cada alqueire de sal!
Erva-mate uma arroba
Vinte bicos! . . . E que tal?!

Para sessenta soldados
Um boi; custando a nação

Sessenta e quatro mil reis!
Isso é de encher a mão.

Diz o mesmo deputado
Haver quem se propuzesse
Fornecer tudo por menos;
Mas houve quem não quizesse.

(Continua)

A PERDIDO

— Ah Sr., faz favor!

— Quer fallar-me da crioula?

— Não senhor; quero dar-lhe um conselho.

— Pois olhe, ella tem feito o diabo commigo.

— O Sr. quer ficar maluco?

— A malvada abandonou-me por causa do tratante daquelle marotinho, mas elle paga-me, já lhe augmentei o aluguel da venda!

— Sr. torne em si; tome juizo; Vme. não é criança, de mais esse papel que representa, não lhe assenta. O Sr. um negociante matriculado perde o conceito entre os seus collegas, e serve de chacota para elles.

— Vê, estou mais calvo do que era, por causa da endiabrada preta.

— Mas o Sr. mesmo é que tem a culpa disso; em vez de se dar a respeito, fazendo asneiras que não condizem com sua etade, nem estado.

O que significa o Sr., um homem negociante, sahir pela rua em mangas de camisa com o paletot dependurado no braço e ir para casa da Henriqueta dar-se a desfructe? para que corre de dia pela rua atraz de uma negra pelo Taboão acima, entra n'uma venda e põe-se alli — dize tu direi eu — com ella atirando-lhe pedras como doido?

— Não sabe que alli é a venda do patife do marotinho, que já foi meu caixeiro, e que entra alli para me fazer acinte?

— Mas o Sr. não tem nada com isso, a mulher é forra pode ir para onde quizer.

— Aquelle bregeiro labreguito que veio para meu poder aqui assim pequenito, é hoje o primeiro que me atraíçoa!

— Tudo isso é nada com tanto que

o Sr. não ande fazendo papel de bobo e maluco pela rua, servindo de risota no commercio, e depois podem lhe deitar o nome no *Alabama*.

— Sim, é verdade; e depois... tenho a minha *Ledia* para desabafar-me.

— Espero que tome juizo.

(Continua.)

— Capitão, Rei dos moleques apaixonou.

— Quem deu?

— Não lhe disse que elle estava escrevendo contra uma pessoa?

— E' verdade.

— Pois escrevesse ou não, elle andava alardeando isso e fallando dessa pessoa o que Masoma não fallou do toucinho.

O sujeito soube e poz-se a cata do Rei dos moleques, até que encontrou-o no Fortinho. Rei dos moleques assim que viu o homem, ficou pallido como papel; o homem ia montado e metteu-lhe o burro em cima; Rei dos moleques correu e escondeu-se n'uma loja, mas o homem lá mesmo foi esmurrar-lhe os queixos Rei dos moleques de homem tornou-se creança e poz-se a choramingar.

Alguem teve d'elle compaixão e veio apadrinhar-o. Depois que se viu livre das unhas do homem e em porto salvo disse com a maior safadez — *elle me fez isto por que eu não trazia uma pistola!*

— Miseravel! merece dó.

— Aquelle bregeiro com uma lingua tão ferina, para atassalhar os outros, tão valente na arte de surripiar, e tão covarde quando vê qualquer carêta.

Aposto que se lhe fossem examinar as calças as achariam borradas!

— Coitado! aquillo é a abjecção da natureza.

Previne-se a dous celebres traficantes vindos um ha *dias* de Guimarães e o outro do porto de *Vasconcerros* com um carregamento de *pintos*, que deixem-se de envolver em questões que lhes não digam respeito, do contrario serão recrutados o 1.º por não ter offi-

cio para marinheiro de bordo do *Alabama*, e o 2.º para constructor de uma escada que o governo tem de mandar construir e que elle tanto se empenha para que ella seja collocada em frente de seu armazem.

— Sabe de uma cousa?

— Diga.

— Bebê para affectar familiaridade e a privança com S. Ex. vae para palacio e põe-se com uma tesourinha a cortar as unhas na janella.

— Quem lhe contou isso?

— Eu que vi no domingo.

— E' muito bobo!

Será verdade que se impoz aos empregados do theatro o rebato de 20 % para receberem seus ordenados?

— Ora dá-so.

— O que?

— Pois Zé Monturo não intendeu de si para si que é cousa?

— Mas que novidade é esta?

— Eu lhe digo:

Zé Monturo foi despedir-se de uma cathegoria que partiu no domingo para o sul, e intendeu que só devia cumprimentar aos donos da casa, como se as visitas que lá estavam não estivessem no caso de ser consideradas tanto ou superiores á elle.

— Não tem duvida, o homem como está acostumado a lidar com africanos boçoes tem perdido a pouca lição de civilidade que ia adquerindo com a gente limpa.

— Deus lhe indireite a canastra e lhe faça cahir os bigodes para não lhe tapar avista.

— Capitão uma pergunta.

— Dar-lhe-hei uma resposta.

— Supponha que um homem, entre alguns escravos que possui, pouco importa adquiridos como, tem um que commetteu uma falta, e para esquivar-se do castigo ausentou-se de casa e foi procurar a protecção de um amigo de seu senhor, o qual na incerteza de ser servido, vae ao intitulado amigo e

expõe-lhe o occorrido. Este o assegura que seu amigo manda na sua pessoa para coisas de maior importancia quanto mais para o que nada vale.

Sabê o illudido amigo seguro da promessa e volta em pessoa a trazer-lhe o escravo.

Succede porém que na volta ja o senhor está de outro humor, e diz: meu amigo estou resolvido a não ceder; Santo Antonio que venha, o negro ha de ser castigado.

E logo alli em presença de seu amigo manda por dous guardas prender o preto.

Que classificação se deve dar a um caracter destes? é a minha pergunta

— Vá ao Ovidio que é intellido nestas coisas que lhe responda.

— Um official aquartellado pode ausentar-se da cidade por trez ou quatro dias?

— Creio que não.

— Pois ha poucos dias encontrei um capitão lá por fora passeiando.

— Deixe-se de historias.

— Si duvida pergunte ao *Tito* que foi comigo e taubem viu.

— Sr. *Vespasio* no mundo quem quer viver, vê ouve e cala.

— Isso é outra cousa.

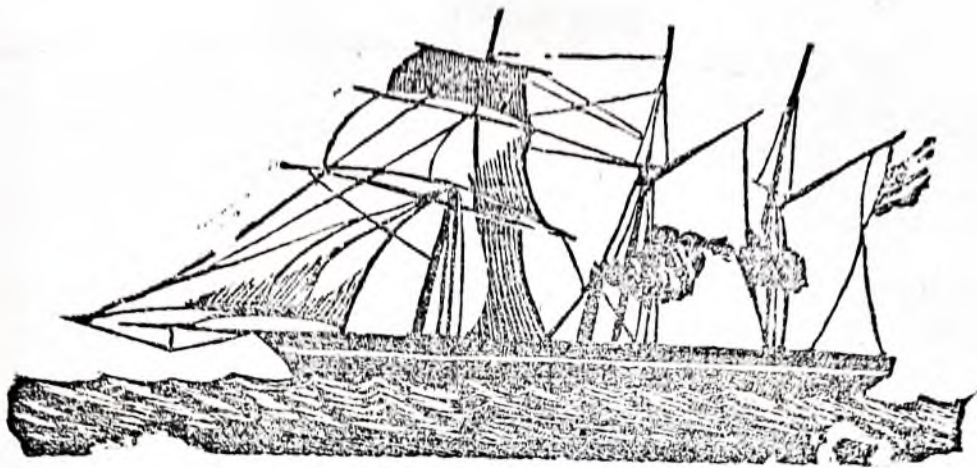
ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Na rua Direita da Misericordia, n.º 21, 2.º andar, recebe-se roupa para engommar com accio e promptidão.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPUANA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

31 DE JULHO DE 1866.

SERIE 8.^a—N.º 80

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de julho de 1866.

Officio ao Sr. empresario do cisco, dizendo-lhe que mande remover da rua dos Ossos, freguezia da Sé, um monte de tijuco, balaios velhos e cacos, que alli está, ao pé da esquina que vae para a ladeira de S. Francisco.

—Que noticias da guerra trouxe o vapor do Sul?

—As cousas marcham no mesmo terreno.

Repetidas conferencias dos Srs. generaes, sem nada resolverem As inferoidades crescendo segundo se deprehende deste trecho de uma carta!

«Tem vindo algumas praças restabelecidas de Corrientes, porém é tres vezes maior o numero de outras que voltam doentes.»

Os hospitaes estão atulhadas, o governo faz uma despeza enorme com alugueis de casa para esse fim.

Pode-se ajuizar por esse pedacinho que se lê no *Jornal da Bahia*:

«HOSPITAES NO SUL—Lê-se em uma correspondencia escripta de Corrientes para o *Razon Espanola*:

«Summamente providente e até prodigo, mostra-se o imperio visinho: tem ja cinco hospitaes e trabalha-se dia e noite para concluir-se outro; ha pouco offereceu por uma

casa para collocar doentes 4,000 pesos fortes (8:000\$000) por um anno de aluguel. E 30 onças de ouro por mez por outra casa que o dono se nega a alugar por menos de 40 onças, que é o que pode valer a propriedade em seu justo valor.»

—Valem-se da occasião para esticarem a corda.

—Nos hospitaes de Montevide ugastam-se 9:600\$000 rs. com gallinbas n'um mez!

O exercito é todo dia incommodado pelo inimigo com bombardeamente.

Não ha vavallhada, e creio que será bem difficil havel-a; ou pelo menos o Brasil tem de pagar por ella preços fabulosos.

Do exercito do barão de Porto-Alegre que se contava receber alguma, sabe-se agora infelizmente que longe de trazel-a, estava falto della até para sua propria cavallaria.

Os paraguayos eram incansaveis em alisar contra a nossa esquadra torpedos. Ultima-mente duas daquellas machinas fizeram explosão.

O general Flores tencionava em agosto recolher-se ao Estado Oriental.

Em uma conferencia que houve ultimamente consta que o general Flores dissera que elle com duas divisões brasileiras e a sua gente iria destruir todo o poder militar de Lopez e acabaria a guerra.

Os prisioneiros paraguayos são tratados á vella de libra entre nós; no entanto que o brasileiro que cabe em poder do tiranno é logo degolado.

Dizem alguns jornaes que entre outros o capitão Gustavo Xavier dos Anjos do corpo

de guarnição do Ceará, o alferes Chaves do 26 de voluntarios e o major Oliveira (conhecido no corpo pelo Cbiquinho) foram feitos prisioneiros e degolados a mando de Lopez!

—E em quanto nossos irmãos lá gemem sob o peso de mil privações, muita gente aproveita-se da dolorosa situação em que se acha o Brasil para encher a barriga.

—E delapida-se ou espediça-se o suor do povo em proveito de meia dúzia de amigos e compadres.

—A prova da nenhuma economia que lá alli é esta:

O Sr. Dr. Ubatuba remetteu para o exercito sob o commando do general Osorio algumas latas de extracto de carnes, preparado pelo processo de sua invenção, marcando o preço de cada lata 5\$000 rs., caso ficasse reconhecida sua utilidade como alimento nutritivo e saudavel, principalmente para os enfermos. A preparação foi reconhecida util para alimentação, entretanto não foi acceita a proposta de 5\$ rs. por que já haviam sido contractados em outra mão a 15\$ rs. cada uma!

—Este paiz pelo jeito que leva vai dar em pantanas, e Deus não lançar sobre nós olhos de infinita Clemencia.

—As vezes por mais que se queira collorir uma pintura, vem o diabo e borra.

—Não intendo de paraphrases.

—Nem eu tão pouco.

—Então mude de assumpto.

—Sabe que o Dr. I. José Ferreira foi por proposta da camara nomeado superintendente do matadouro?

—E' antigo.

—Mas não sabe que elle officiou ao governo recusando logar.

—Tambem sei; e que o Sr. Leão Velloso respondendo disse lhe: «..... e em resposta cumpre dizer-lhe que tendo sido o zelo, actividade e pericia que Vm. mostrou sempre no serviço publico, a unica razão que, me gerando confiança inspirou na escolha....»

O que faz crer que o acto da nomeação foi obra somente de S. Ex. e não de combinação com a camara, ou então que foi ella inspirada por alguém.

—Justamente. E na opinião de S. Ex. me parece, não ha outro home

apto para superintendente do matadouro sinão o Sr. Ignacio José Ferreira, por que tendo S. S. pedido dispensa allegando razões justas, não foi attendido.

—Na minha opinião S. Ex. está até infringindo os Mandamentos da Lei de Deus, porque quer que seu proximo vá arruinar sua saude, já deteriorada, e sacrificar sua vida, obrigando-o a servir um logar que não falta quem queira!

—Ainda si fosse para ir para o Paraguay! que ninguem quer ir concordo, mas aqui!

—O que dirá agora o Sr. Leão Velloso? Desta vez, não são as gazetinhas, os paschins, que levam ao seu conhecimento actos de vandalismo commettidos por authoridades. E' uma publicação estampada no *Jornal da Bahia* de 28 de julho, que traz o seguinte:

Mappa dos recrutados pelo delegado no meio da feira da Igreja Nova, amarrados com os cabrestos de seus cavallos! e conduzidos á cadeia de Alagoinhas, para serem remettidos em defeza da patria.... aos 22 de julho de 1866.

1.—Anacleto Alves dos Santos, casado com Albina Maria dos Santos, tendo nove filhos!!!

2.—José Canuto de Sant'Anna, casado com Maria Joaquina, tendo cinco filhos!!!

3.—João Paulo, casado com Maria Constancia, tendo 4 filhos!!!

4.—Manuel Barbosa, casado com Maria Rosa, tendo 2 filbos, mãe e avé aleijadas!!!

5.—João de tal, casado com Maria de S. Pedro, tendo 2 filhos!!

6.—José Simeão, casado com Maria Izidora, tendo pae doudo, e 5 irmãos menores.

—O Regulamento do corpo de policia marca ordenança aos officiaes?

—Quem lhe pode responder é o commandante.

—Desejava saber. Tenho visto officiaes de folga com um soldado feito laçao atraz de si e outros com o sol-

dado sentado em sua porta, feito eriado; por isso indago, porque não gosto de fallar atôa.

—Nesse caso é tomar o expediente que lhe aponte, va ao commandante.

—Parece-me que só o fiscal e commandante tem direito a ordenança; no entanto vejo soldados que incontestavelmente devem fazer falta no serviço acompanhando officiaes, e até ja os tenho visto comprando para elles.

—Homem, deixe correr o mundo que assim como vae, vae bem.

A PERDIDO

—Oh! Sr. Reverendo! Ha que tempos não vem Vmc. à falla!

—Não tenho feito por onde, emendei de vida, e estou outro homem.

—*Passe cá para este lado que temos conversa.*

—O que será? Alguma nova calumnia que me levantaram, sem duvida.

—Ha de ser isso mesmo; esses linguarudos e maledicentes só servem para se importar com a vida alheia.

Que moça foi aquella com quem apresentou-se Vmc. na capella dos *Candelabros* por occasião da missa no dia 2 de fevreiro? E depois andava com ella ambos, a cavallo apostando carreira no meio do povo?

—Era minha sobrinha.

—Qual sobrinha! Pois alli todos não sabiam e não era voz geral que aquella mocita é sua companheira?

Alguem perguntou ao *Palhaço* que moça era aquella, e elle para desculpar-lhe disse que era sua mulher, quando todos alli conheciam a senhora delle.

E como era desembaraçada a tal *bichinka!* como esquipava repimpada no *bucephalo!*

—Licções minhas, capitão.

—Ainda o diz! Ella bem que disse la que tinha aprendido a montar com o vigario.

E para que foi Vmc. metter-se n'aquelle samba atraz da igreja? Não repugna isso com o seu character sacerdotal?

—Foi aquella maldicta mulata do arroio do Cunha que deu-me uma imbigada e eu fui pagar.

—E metteu-se na folia.

—Que remedio, capitão.

—E vem dizer-me que emendou de vida! Abandona a freguezia n'um dia sanctificado, apresenta-se n'outra igreja com ella, correm ambos a cavallo, samba, e diz que é outro homem!

Só se emendou para peor.

Desta vez quero V. seja seu proprio juiz, o que merece?

—Capitão por Nossa Senhora da Encarnação! Basta o que tenho ja soffrido.

—Escolha o que quer soffrer.

—Perdão, capitão.

—Muxingueiro! Va com o Reverendo e deite-o n'alguma *restinga* exposto aos mosquitos, a tomar conta das *camboas* que la hajam. Isso por trez dias.

MOTTE.

*Os olhos desta mulata
São brilhantes lapidados.*

GLOSA.

Minh'alma toda se achata,
Fico sem tino, perdido,
Quando vejo, qual Cupido,
Os olhos desta mulata
Ai! não são olhos de gata...
São travesses e quebrados;
São demonios engraçados,
Que inspiram mil seducções
São astros, são dous clarões,
São brilhantes lapidados.

OUTRA.

Negro tormento maltrata
Minh'alma, meu ser pensante
Quando encaro delirante
Os olhos desta mulata.
Aguda setta me mata:
Desprendo ais magoados
Mil suspiros esmagados
Arranco cheio de dor,
São elles settas de amor,
São brilhantes lapidados.

—Capitão ha gente que não anda de quatro pés por que Deus não é servido!

—Ha milhares destes.

—Indo ha poucos dias tive occasião de verificar isto; estando no coavento do Carmo conversando com um frade, entra certo cujo que não direi quem nem quem não, com uma senhora pelo braço e dirigiu-se a cumprimentar o frade o qual disse: Apresento-lho o Sr. F. e sua senhora casados ha pouco. Ao que respondeu o sujeito — e tenho muito gosto n'isso por que achei minha senhora o contrario do que se dizia.

—E não disse nada de mais.

Sr. capitão do *Alabama*. Um dia destes foi uma senhora fazer uma visita em certa casa onde ha um *meninorio* rato e levou em sua companhia uma negrinha que levava na cintura uns enfeites e moedas de prata.

O sujeito foi-se para ao pé da negrinha, e fingiu que brincava com ella e foi torcendo as moedas para safal-as da corrente; mas por infelicidade cahiu uma no chão e descobriu-se a tramaia, veja com que cara não ficaram todos. E note que é inspector de quarteirão.

—Que tal! é fino! *Nelson* no mar não fazia proesas mais gigantescas do que essa.

MARIZ E BARROS.

*On se parlerà de su glorie
Sous le cahaume bien long temps
(BERANGER.)*

I.

Que grande e vago estampido
E' esse que se ouve alem?!
Parecem sons do um gemido
Os echos que de la vem.
Que estrondo horrivel, medonho.
Como nas vascas de um sonho,
E' esse que alem se ouviu?
Que fados o mundo incerra?
Algun plan ta cabiu?!

Que brado de entusiasmo
Fêz a terra estremecer?!
Por entre os risos de espasmo
Ouço carpir e gemer!....
Ruge o mar; tremem as plagas
Ao brusco embate das vagas
Em ancias e convulsões!....
Que brados!..e que lamentos!
Murmuram soltos dos ventos
Em turvos, negros bulcões!...
De sombras negras, escuras
Se nublo a o ceu azul,

Ao choque das armaduras
Para as bandas la do sol!
Esse estrondo e murmurio
Desceu nas aguas do rio,
Que alem do Prata gemem!
Esse son profundo e vago
E' um annuncio presago;
Mariz e Barros morren!

(*Continúa.*)

—E' um desaforo intoleravel.
Sò nesta terra se soffre isto.
O clamor é geral.

Rara é a pessoa que passando depois de 10 horas por atraz da Sé não tem levado pelas ventas uma bacia d'agua com trampa da casa n.º 28!

—Ainda hontem fui victima. meu amigo, atiram agua, com a força do vento esta espalha-se de sorte que quem está na esquina não fica isempto daquella aromatica preparação.

—E não ha fiscaes que vejam isso, por que se occupam em prender pobres pretas que ajudam a gamella n'uma porta ou em passarem na frente dos açougues, para gnardal-os!

ANNUNCIOS.

Pede-se ao Sr. redactor da *Sempre-viva* o favor de vir a esta typographia para realisar certo negocio.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.^a casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Nesta typographia se deseja fallar ao Sr. Francisco Marcellino Gesteira.

Na rua Direita da Misericordia, n.º 21, 2.º andar, recebe-se roupa para engommar com aceio e promptidão.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.